

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO MEIO
AMBIENTE**

ANTONIO BARTOLOMEU FERREIRA FILHO

**IMAGEM, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SAÚDE: UM OLHAR
SOBRE O RIO DE JANEIRO DO FIM DO IMPÉRIO AO ALVORECER
DA REPÚBLICA**

VOLTA REDONDA – RJ

2013

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO MEIO
AMBIENTE

IMAGEM, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SAÚDE: UM OLHAR
SOBRE O RIO DE JANEIRO DO FIM DO IMPÉRIO AO ALVORECER
DA REPÚBLICA

Texto dissertativo apresentado à Banca de Defesa do Curso de Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e Meio Ambiente da UniFOA como requisito à obtenção do título de Mestre.

Aluno: Antonio Bartolomeu Ferreira Filho
Orientadora Prof. Dr^a Cristina Novikoff

VOLTA REDONDA – RJ
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F383i Ferreira Filho, Antonio Bartolomeu.

Imagem, representações sociais e saúde: um olhar sobre o Rio de Janeiro do fim do império ao alvorecer da república / Antonio Bartolomeu Ferreira Filho – Volta Redonda, RJ: UniFOA, 2013.

66 p

Dissertação (Mestrado Profissional) – Centro Universitário de Volta Redonda. Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e Meio Ambiente.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Novikoff.

1. Saúde – Ensino e estudo. 2. [Educação para a saúde](#).
I. Novikoff, Cristina. II. Título.

CDD 378.81

Gabriela Leite Ferreira -- CRB 7/RJ - 5521

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluno: Antônio Bartolomeu Ferreira Filho

IMAGEM, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SAÚDE: UM OLHAR SOBRE O RIO DE JANEIRO, DO FIM DO IMPÉRIO AO ALVORECER DA REPÚBLICA

Orientadora:

Profa. Dra. Cristina Novikoff

Banca Examinadora



Profa. Dra. Cristina Novikoff



Prof. Dr. Jairo Pinheiro da Silva



Prof. Dr. André Resende de Senna

Dedico este trabalho, primeiramente aos meus pais que de forma incondicional estiveram sempre ao meu lado em todos os bons e maus momentos de minha vida.

A minha amada esposa que, de uma maneira única, tem sempre me apoiado em minhas empreitadas acadêmicas sendo o meu porto seguro e incentivando-me maravilhosamente quando o desânimo, nos seus diversos e sutis momentos quis, sorrateiramente, se abater sobre a minha pessoa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me concedido a dádiva da vida.

A minha professora-orientadora, a estimada “Sinha” Cristina Novikoff que aos meus olhos é, no sentido maior da palavra, uma verdadeira mestra que tem entre suas diversas e maravilhosas características a excelência da humanidade.

Ao corpo docente do MECSMA, aos meus amigos de turma, e em especial ao grupo da orientação (Adelmo, Rhanica, Sônia, Maria Aparecida e Angélica) que se tornou uma segunda família.

Ao Colégio Naval (CN) na figura do Sr. Comandante CMG Márcio Pereira Rippel e do Chefe do Departamento de Ensino CC Marcos Veiga, sempre compreensíveis quando precisei me ausentar em função dos meus estudos.

Aos amigos do CN, em especial ao Prof. Jules, meu imediato na Coordenação Geral, e ao Prof. Duarte pelas orientações acadêmicas.

Aos professores do CN e em especial ao Victor pela amizade e apoio.

A professora Eloísa que me apresentou ao mestrado do MECSMA.

E por fim a professora Shirlane, um grande ser humano que de forma incondicional em muito colaborou na organização deste trabalho.

RESUMO

Cada vez mais tem aumentado o uso de imagens em sala de aula, não apenas como instrumento ilustrativo, mas também como uma forma de linguagem alternativa, com a finalidade de ampliar a percepção de um determinado assunto estudado. Entre os fatores que muito têm colaborado para tal processo, podemos citar os avanços tecnológicos nas áreas de comunicação e de mídia, que permitem ao ser humano, em qualquer lugar e a qualquer momento, interagir imagetivamente com um mundo de informações que fazem pensar, sorrir, chorar, questionar, sentir. Para tanto, o objetivo deste trabalho foi compreender as representações sociais de saúde, contidas nas imagens, mais precisamente charges, analisando, além do recorte temporal pretendido, as suas racionalidades e valores com a finalidade de criar uma estratégia educativa em forma de livreto para professores interessados no ensino da saúde. A metodologia de natureza qualitativa ancora-se nas Dimensões Novikoff, com revisão bibliográfica. A fim de dimensionar as percepções do objeto de estudo, buscamos, como caminho, a leitura imagética dentro do espaço temporal pretendido, com suas funções sociais, econômicas, políticas, religiosas e culturais.

Palavras-chave: Imagem, Saúde, Ensino Aprendizagem, Representações Sociais

ABSTRACT

There has been increasing the use of images in the classroom, not only as illustrative tool, but also as a form of alternative language, in order to broaden the perception of a particular subject studied. Among the factors that have greatly to this process, we can mention the technological advances in the areas of communication and media, that allow humans, anywhere and anytime, imaged, interact with a word of information that makes us think, laugh cry, question, at last, feel. Therefore the objective of this work is to understand the social representations of health, contained in the images, in addition to analyzing temporary period, rationalities and values in order to create a teaching strategy in the form of booklet for teachers interested in teaching health. The qualitative methodology is anchored in Novikoff's Dimensions (2010), with literature review. Our product is a booklet with teaching strategy of iconographic reading to help professionals in health education. And to gauge the perceptions of the object of study we will seek, as a way, the imaged reading within the temporary period defined, with their social, economic, political, religious and cultural.

Keywords: Image, Health, Teaching and Learning Process, Social Representation

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A DIMENSÃO TEÓRICA	13
2.1 Teoria Das Representações Sociais	13
2.2 Ensino de Ciências e Saúde.....	23
2.3 Do fim do Império a chegada da República.....	26
2.4. Imagem.....	35
3 DIMENSÃO TÉCNICA	41
3.1 Produto,.....	57
4. CONCLUSÃO	59
5. REFERÊNCIAS	61
6 ANEXOS	65
ANEXO 1 - TABELA DE ANÁLISE DE TEXTOS ACADEMICOS- CIENTÍFICOS, segundo as Dimensões Novikoff	65
ANEXO 2: ROTEIRO PARA CLASSIFICAÇÃO DE LIVROS (CTC-ES/ APROVAÇÃO)	66

LISTA DE IMAGENS

GRÁFICO 1 – Distribuição de trabalhos do banco da CAPES (2000 – 2011).....	41
Quadro 1- Dimensões do Significado e Interpretação de Imagens de Bohnsack (2010)	42
FIGURA 1 - Revista Ilustrada. Anno 9, nº 368. Rio de Janeiro, 1884.	48
FIGURA 2 - Revista Ilustrada. Anno 9, nº 373. Rio de Janeiro, 1884.	49
FIGURA 3 - Revista Ilustrada em 04 de Março de 1876.....	50
FIGURA 4 – Charge de J. Carlos publicada em 1904.....	51
FIGURA 5 - Desenho de Leônidas, publicado na revista O Malho de 29 de outubro de 1904.....	52
FIGURA 6 – Charge do Semanário Tagarela de 16 de julho de 1903...	53
FIGURA 7 – Charge publicada na Revista da Semana – 1904.....	54
FIGURA 8 – Oswaldo Cruz.....	55
FIGURA 9 – Revista Semana 2 de outubro de 1904.....	56

1. INTRODUÇÃO

Quando pensamos comunicação a partir de imagens, a primeira observação, dentro do campo do Ensino, é a de que estamos tratando de uma maneira de informação direta em que a apuração do que se é visto deve exigir uma análise intelectual mais complexa, não limitando-se, de forma simplista, a deduzir o que se percebe com o olhar.

Neste sentido, quando uma imagem é construída para comunicar algo, a sua codificação pode ser (e não raro é), tão complexa quanto o significado de uma palavra. Acreditamos que a diferença entre a imagem e a palavra é que a linguagem imagética é percebida tanto por quem tem o conhecimento da escrita como por quem não o tem.

Ao apresentar a(s) imagem(s), o observador infere as relações que estão contidas nela(s). Por isso, desde os tempos primórdios, as representações imagéticas vêm sendo utilizadas como meio de se comunicar algo ou transmitir uma ideia.

Basta lembrar que, entre os textos informativos mais antigos, encontram-se os desenhos das cavernas de Lascaux, na França, que datam de mais de 10.000 a.C.

Para demonstrar a riqueza é feito um recorte temporal considerando estarmos pensando este objeto dentro de um mestrado profissional na área da saúde e educação ambiental. Por questões pragmáticas fizemos a delimitação no tema saúde.

O objeto de pesquisa são imagens, mais precisamente *charges*, que se relacionem à saúde. E desse objeto espera-se apreender a análise da leitura iconográfica, atualmente uma tarefa para todos os docentes, pois como professor de História do Colégio Naval, situado na cidade de Angra dos Reis, no Estado do Rio

de Janeiro, percebo o valor dos recursos iconográficos na construção do conhecimento.

Dai questionarmos como bússola a nos guiar por este estudo, as seguintes questões norteadoras:

- Como se apresentam as imagens (charges) que evocam aspectos relacionados a questões de saúde referentes ao período do final do Império ao alvorecer da República?
- Quais são as representações sociais contidas nas charges relacionadas à saúde? Quais são os valores contidos nestas representações?
- De que forma um material didático, pode auxiliar o professor a trabalhar com imagens, contribuindo para a formação crítica dos estudantes frente à saúde?

Assim, nosso objetivo será compreender o lugar da linguagem visual no ensino médio, dialogando de modo interdisciplinar a temática saúde com a finalidade de criar um livreto norteador aos professores na leitura de charges.

Para ilustrar as estratégias de ensino na perspectiva crítica e criativa analisamos diferentes questões levantadas por chargistas, a partir do olhar das representações sociais pela forma como, ao proferir uma comunicação imagética eles contribuíram, no meio em que manifestavam suas percepções, para a socialização da construção da crítica sobre as práticas de saúde observadas num contexto específico.

A ideia é possibilitar aos docentes levantar questões sobre o atual papel das imagens, em especial das charges correlatas a saúde, a fim de entender a aplicabilidade de um instrumento prático.

As charges podem ter a função de comunicar em larga escala, atingindo de imediato toda uma comunidade, independente das diversidades sociais, econômicas, religiosas e culturais apresentadas.

Para sustentar nossa discussão trazemos a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, pelo fato de nos permitir compreender o pensamento social, ou seja, as representações sociais ou senso comum de um determinado

grupo social. Assim, a sua investigação possibilita a identificação da forma como o grupo social compreende um determinado objeto/tema, sendo que no caso deste estudo a preocupação está na leitura indireta destas representações, a partir da interpretação de imagens acerca da saúde.

Em síntese, as representações sociais, enquanto fenômenos merecem ser estudadas, uma vez que possibilitam dois processos: primeiro, compreender a subjetividade; segundo, pensar formas de intervenção.

Destacamos também o uso da Semiótica que pesquisa todas as formas de possíveis de linguagem, ou seja, é a ciência geral de todas as linguagens (SANTAELLA, 1983, p.10).

É importante lembrar que todas as manifestações ocorridas, independente do momento histórico em que aconteceram, vêm da interação dos indivíduos inseridos no processo das transformações.

A abordagem será através da pesquisa qualitativa, tendo por base metodológica a análise bibliográfica e a utilização das Dimensões Novikoff como instrumento de planejamento do trabalho, para a construção do conhecimento.

Vale destacar, em relação aos fatos que ocorrem no Brasil, do final do Império ao advento da República até o período histórico atual, que devemos nos lembrar que toda a dinâmica social, política e econômica vem a ser fruto dos interesses de diversos segmentos sociais envolvidos e de como os indivíduos de cada grupo distinto interagem dentro do processo.

Além dos acontecimentos em andamento, não podemos esquecer os olhares que testemunham o momento de tais transformações. Eles, de certa forma, tornam-se a janela para o futuro entender o processo ocorrido a passagem do Império para a República e os diversos aspectos que balizaram esse momento. Em especial, neste trabalho, as questões ligadas à área de saúde.

É dentro das Representações Sociais que podemos entender as percepções desses olhares pelas interações vivenciadas pelas pessoas da época.

Como produto desenvolvido, apresentamos um livreto que tem por finalidade indicar o valor do ensino da linguagem imagética, em especial, as

charges, enquanto instrumento de comunicação de grande abrangência, ou seja, o alcance independe da condição social, cultural ou mesmo intelectual.

Uma vez que a imagem é um importante recurso da comunicação, faz-se necessário criar uma oportunidade para os docentes para desenvolver, juntamente com os seus respectivos estudantes, o debate de representações com suas ideologias, valores e pensamentos contidos nas charges.

As estratégias do livreto constituem uma práxis para a utilização de imagens no cotidiano dos espaços em que ocorrem as práticas de ensino destacando a finalidade de instigar os docentes e outros profissionais interessados na charge como forma de linguagem, para atingir determinados fins com campanhas, alertas, esclarecimentos, etc.

Em síntese, acreditamos ser necessário cada vez mais aprimorar as formas de leitura de imagens nas salas de aula, no Brasil, pois tal situação, como nos ensina Maria Emilia Sardelich no seu trabalho *Leitura de Imagens, cultura visual e prática educativa* (2006), ainda seguem padrões europeus e estadunidenses. O desafio é romper com este paradigma, criando estratégias brasileiras.

2. DIMENSÃO TEÓRICA

2.1 A Teoria das Representações Sociais, um breve olhar

As Representações Sociais, que tem sua primeira base teórica a partir de 1961 com o psicólogo social Serge Moscovici, pode ser inicialmente apresentada como o conjunto de explicações diversas relacionadas ao indivíduo dentro de um espaço social em que o mesmo se encontra onde a partir das interações vivenciadas, enquanto ser social, é construído e auxilia na construção da mesma.

Quando pensamos Representações Sociais temos que levar em conta que estamos buscando interpretar um objeto ou lugar, de acordo com as experiências que movem os interesses predominantes, que se encontram no momento.

Podemos usar como exemplo a localização de um objeto que pode ser interpretado, além da visão geográfica e espacial, também, a partir de uma leitura política, econômica, social e cultural, com isso passando a ter uma existência totalmente diferenciada de acordo com o olhar temporal lançado sobre o mesmo, ou seja, em cada período, de sua existência, a sua significação varia de acordo com a realidade do momento.

Em outras palavras, nós percebemos o mundo tal como é e todas as nossas percepções, ideias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase físico, em que nós vivemos. (MOSCOVICI, 2003, p.30).

Também como exemplo, podemos dizer que um determinado relógio, fabricado hoje, daqui a duzentos anos terá um significado totalmente diferente sobre o que tinha no momento, pois irão somar-se a valorização histórica que, além da função de marcar o tempo, irá dar ao mesmo o papel de ser a prova material sobre uma época passada, relatando costumes e experiências, ou seja, um elo de ligação entre o hoje e o amanhã.

As Representações Sociais podem ser expressas pela mídia, que através de seus instrumentos diversos de comunicação interagem nas decisões e interpretações de nossas vidas cotidianas (MOSCOVICI, 2003, p.8).

Outra visão a respeito de Representação Social, pode ser vista a partir do trabalho de Rafael Augustus Sêga - *O Conceito de Representação Social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici* (2000) que, entre outros aspectos, afirma que

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem. (SÊGA, 2000 p.128)

Não podemos deixar de afirmar que as Representações Sociais são auxiliadas pela Psicologia Social que estuda, entre outros aspectos, como as pessoas ao partilharem as ideias, que são de senso comum, transformam as mesmas em atividades práticas.

A revolução cognitiva, na psicologia, iniciada na década de 1950, legitimou a introdução de conceitos mentalistas, que tinham sido proscritos pelas formas mais militantes do comportamentalismo, que dominou a primeira metade do século vinte e, subsequentemente, as ideias de representações foram o elemento central na emergência da ciência cognitiva, nas duas últimas décadas. (MOSCOVICI, 2003, p.19)

Podemos afirmar que as ideias, ao saírem do plano imagético e da racionalidade, se materializam, no mundo real, auxiliando nas transformações, que de forma incessante, ocorrem entre as pessoas.

E claro que não podemos negar que as variações entre o pensar e o materializar, no final, apresentam características a margem não esperadas que proporcionam novas ideias e consequentemente novas práticas cotidianas.

Com isso podemos afirmar que, o conhecimento é fruto da interação e comunicação cotidiana nos diversos níveis da sensibilidade humana.

Antes de avançar mais na discussão da funcionalidade das Representações Sociais acreditamos que devemos fazer uma discreta análise histórica, para situar tal modelo no espaço e acima de tudo no tempo.

O conceito de Representações foi criado por Sergei Moscovici em 1961, onde o autor busca interpretar os diversos aspectos que envolvem o homem, no meio em que se situa, tendo como eixo as relações coletivas influenciando o indivíduo paralelamente sendo influenciado por ele, ou seja, Moscovici faz uma leitura das relações coletivas sem deixar de lado o particularismo individual de cada um.

Acreditamos que o próprio Moscovici foi estimulado a pensar desta forma para entender o que acontecera na Europa, durante a sua juventude, quando a mesma foi assolada pelo nazismo que havia convertido milhões de pessoas, dentro e fora da Alemanha, a uma barbárie que incompreensivelmente negava, o que se achava toda uma evolução humanista a qual, na teoria, não concebia tal pensamento, principalmente com suas características de intolerância, destacando-se a eugenia.

A decisão formal de exterminar todos os judeus da Europa foi tomada na Conferência de Wannsee, realizada em janeiro de 1942. Nela foi estabelecida a **Solução Final** (grifo dos autores) para o problema judaico: o **genocídio**. Pouco a pouco, os guetos foram desativados e os judeus, enviados a campos de extermínio como o de Auschwitz, na Polônia, o mais conhecido deles.

Ao chegar nos campos, após dias de viagem em vagões de trens de carga infectados, eram selecionados os judeus que ainda tinham condições de trabalhar para a máquina de guerra alemã, inclusive nas fábricas de munições. Os demais eram enviados às câmaras de gás, e seus corpos eram incinerados em crematórios. Na tentativa de iludir os condenados, os campos tinham um letreiro grande no portão principal onde se lia: "O trabalho liberta" (*Arbeit macht frei*). (VAINFAS, et al, 2010, p.665)

A partir deste princípio podemos dizer que o pensar, um determinado modelo sócio cultural e na verdade, e acima de tudo, fruto das práticas cotidianas e vice versa no que se refere aos interesses que permeiam a interação entre os indivíduos circunscritos a um determinado meio.

Com isso seria correto dizer que as Representações Sociais em nada estaria apresentando de novidade, pois todas as formas de pensamento nascem motivadas pelas práticas cotidianas de um determinado momento temporal.

Como exemplo podemos citar o Socialismo Científico, na figura de Karl Marx e Friedrich Engels, que após observar a evolução da humanidade, a partir de uma visão materialista histórica e dialética, perceberam, durante o século XIX, que a sociedade iria passar por transformações as quais possibilitariam, finalmente, que os oprimidos, na figura da classe operária, chegassem ao poder.

[...] Segue-se que todas as lutas no interior do Estado, a luta pelo direito de voto etc., etc., são apenas as formas ilusórias nas quais se desenrolam as lutas reais entre as diferentes classes (...) segue-se, além disso, que toda classe que aspira à dominação, mesmo que essa dominação, como no caso do proletariado, exija a superação de toda a antiga forma de sociedade e de dominação em geral, deve conquistar primeiro o poder político, para apresentar seu interesse como interesse geral, ao que está obrigado no primeiro momento. (MARX, ENGELS, 1984, p.48-49)

De fato revoluções neste sentido ocorreram, principalmente ao longo do século XX, no entanto, ao seu final, apresentaram particularismos que não foram demasiadamente explorados tanto por Marx, quanto por Engels, ou seja, as variantes que são captadas pelas Representações Sociais pelo fato de buscar entender as relações cotidianas não apenas em nível de grupo social, mas também, a partir da forma como cada indivíduo interage dentro do grupo a partir das experiências adquiridas e como as comunicam dentro do próprio grupo ou influências que se sobrepõe a este grupo.

A atribuição não é aqui tomada, portanto, como algo definitivo ou indiferenciado, mas como intrinsecamente processual; assim, o homem relaciona e integra informações e experiências; assim, estruturam-se e associam-se conceitos, imagens, valores, normas, símbolos e crenças, numa explicação do real e de suas partes. Neste sentido, o real torna-se concreto para o homem, que desta forma, se insere e se (re)produz ao produzi-lo e ao ser por ele produzido. (MADEIRA, 1991, P.130)

O surgimento do conceito de Representações Sociais surge na França, em 1961, a partir da publicação de *Psychanalyse: son image et son public*, com Serge Moscovici.

No entanto não podemos deixar de lembrar que as Representações Sociais, de Moscovici, tem uma certa similaridade com as Relações Coletivas de Durkheim que, em seus objetivos, é apresentado por Roseana Xavier da seguinte forma:

Nas suas elaborações teóricas, a principal meta de Durkheim é encontrar e explicar aquilo que fornece unidade à vida social, o elo entre as diversas formas como as sensações individuais (entendendo o indivíduo como produto da realidade social) são representadas, sua causa “objetiva”, “universal” e “eterna”. (XAVIER, 2002, p.21)

Neste aspecto observamos que Moscovici, no choque entre cultura e razão, demonstra um contrassenso pelo fato de através da ciência buscar desenvolver a Psicologia Social, a qual na visão de Durkheim é estática, ou seja, as concepções que se emanam nas chamadas Representações Coletivas são fixas, e com isso limitando-se as flexibilidades, diferentemente de Moscovici que ao abordar a sociedade identifica as constantes e incessantes mudanças dentro da mesma a partir das interações ocorridas. Neste aspecto remetemo-nos a Maria Laura Puglisi Barbosa Franco, em seu trabalho *Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência* (2004) que, entre outros aspectos as apresenta como:

[...] categoria analítica nas áreas da educação e da psicologia da educação baseia-se na crença de que essa valorização representa um avanço, significa efetuar um corte epistemológico que contribui para o enriquecimento e aprofundamento dos velhos e já desgastados paradigmas das ciências psicossociais. Além disso, não apenas para a educação, mas, de uma maneira mais ampla, para a sociedade do conhecimento, a abordagem e a realização de pesquisas sobre representações sociais podem ser consideradas ingredientes indispensáveis para a melhor compreensão dessa sociedade. (FRANCO, 2004, p.170)

Podemos então afirmar que Moscovici enxerga as Representações Sociais como um fenômeno, devido ao processo de construções internas dentro de um determinado grupo por exemplo. No caso de conceito, limita-se apenas a descrever e explicar sem tentar entender o mecanismo que gera as Representações, no caso, a diversidade de interações.

Os grupos que interagem entre si buscam a legitimação de seu espaço de poder diante de outros indivíduos, ou seja, são transformações sociais descritas por Moscovici.

Neste aspecto observamos com Angela Arruda, a partir do seu estudo *Teoria das Representações Sociais e Teorias do Gênero* (2002), em que faz uma breve análise da obra *La Psychanalyse, son image, son public*, de Moscovici. Ela afirma que:

A Teoria das Representações Sociais . TRS . operacionalizava um conceito para trabalhar com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade. Partia da premissa de que existem formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, formas que são móveis, e define duas delas, prementes nas nossas sociedades: a consensual e a científica, cada uma gerando seu próprio universo. A diferença, no caso, não significa hierarquia nem isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. (ARRUDA, 2002 p.129-130)

As Representações Sociais se relacionam entre processo e estruturação sendo a consequência do equilíbrio, ou desequilíbrio, gerado a partir das influências sociais.

A partir desta visão podemos dizer que as impressões apresentadas pelas Representações Sociais em muito vem auxiliar o recorte temporal pretendido, pois passamos a entender as relações sociais existentes dentro deste período não mais apenas pela visão ideológica de conceitos pré-concebidos e inflexíveis.

A crença de que a ideologia é uma forma esquemática e inflexível de se ver o mundo, em oposição a alguma sabedoria mais simples, gradual e pragmática, foi elevada, no pós-guerra, da condição de uma peça de sabedoria popular à posição de uma elaborada teoria sociológica. Para o teórico político norte-americano Edward Shils, as ideologias são explícitas, fechadas, resistentes a inovações, promulgadas com uma grande dose de afetividade e requerem a total adesão de seus devotos. (EAGLETON, 1997, p.17)

Entender a sociedade brasileira, no final do século XIX e início do século XX, dentro de um conceito ideológico inflexível seria limitar as percepções a partir de um olhar tendencioso sem levar em conta as variantes que existem dentro de um

grupo e que fazem o mesmo ter características construídas por todo um arcabouço que vai do cultural ao político, social, econômico e psicológico.

E como a proposta está ancorada em um olhar temporal sobre as práticas de saúde no final do século XIX e início do século XX, é correto afirmar que as Representações Sociais contribuem para uma leitura imagética de como o olhar do indivíduo captava as práticas de saúde a partir da sua realidade social e temporal. E como exemplo podemos citar Margot Campos Madeira que diz

[...] A racionalidade, tanto quanto a afetividade e a emotividade, se vincula e opera no concreto como síntese possível e dinâmica de um processo histórico que a extrapola. Todas estas dimensões articulam-se à especificidade da parte pela qual o sujeito se integra em determinada totalidade social. (MADEIRA, 1991 p.132).

Tal situação tem que ser relevada pelo fato de o universo que nos cerca, de forma incessante, está a transmitir informações que se transformam em experiências coletivas que influencia o indivíduo o qual, por sua vez, retransmite, dentro de suas percepções, suas interpretações e questionamentos que ao interagirem, dentro do meio em que se situa, contribui para transformar o mesmo.

Podemos afirmar que a respectiva relação é como uma estrada de mão dupla que flui de forma incessante levando do coletivo para o indivíduo e vice versa.

Impressionisticamente, cada um de nós está obviamente cercado, tanto individualmente como coletivamente, por palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente, quer queiramos quer, não, e que nos atingem, sem que o saibamos, do mesmo modo que milhares de mensagens, enviadas por ondas eletromagnéticas circulam no ar sem que as vejamos e se tornam palavras em um receptor de telefone, ou se tornam imagens na tela de televisão. (MOSCOVICI, 2003, p.33)

Também não podemos deixar de levar em conta o fato de as Representações Sociais serem importantes para se trabalhar com o imagético, que também faz parte do universo que auxilia nas experiências adquiridas dentro de um determinado meio e que, de acordo com as características existentes dentro deste meio, tornam-se o que denominamos de senso comum.

Com isso, é correto afirmar que, a partir das Representações Sociais, a imagem auxilia na codificação de uma ideia e de certa forma a ideia colabora na decodificação de outras imagens.

As representações sócias devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzem o mundo de uma forma significativa. Elas sempre possuem duas faces, que são interdependentes, como duas faces de uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica. Nós sabemos que: representação = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. (MOSCOVICI, 2003, p.46).

Dentro deste contexto o estudo de imagens torna-se importante, pois como percebemos a partir do próprio Moscovici, a significação do texto imagético auxilia na compreensão das ideias que permeiam um grupo social e os fatores que impulsionam os mesmos, dentro das convulsões sofridas em seu interior.

Por isso acreditamos que a partir do choque, entre as práticas de saúde existentes, sobre as massas urbanas do Rio de Janeiro, dentro do recorte temporal pretendido, e tendo as representações sociais como instrumento de interpretação, das particularidades inseridas nos diversos grupos sociais que povoavam o espaço temporal em questão, podemos reafirmar a importância das imagens, enquanto instrumento de diálogo, naquele momento, decodificando de forma democrática as informações que auxiliavam, na construção das ideias sobre a maneira como ocorriam as práticas de saúde na época. Neste aspecto, temos o estudo de Gil Sevalho - *Uma Abordagem Histórica das Representações Sociais de Saúde e Doença* (1993), o qual afirma que

Ao trafegar numa ambientação histórica, onde as representações sociais envolvem a saúde e a doença, faço-o através de projetos e propostas mais recentes, ligadas a uma conformação determinada da Ciência da História. Refiro-me, então, à ordem simbólica, que é o que dá vida à realidade, pois é onde se movimentam os corpos e as imagens, onde se expressam as ambiguidades humanas, os pensamentos, sensações, ações e atitudes que refletem as representações coletivas. (SEVALHO, 1993 p.349)

Com isso as charges, que são ilustrações humorísticas que envolvem a caricatura de um ou mais personagens ou acontecimento, feita com o objetivo de satirizar, também auxiliavam a identificar, de forma quase que instantânea, na interpretação das dinâmicas sociais e políticas existentes.

Quando pensamos as práticas de saúde, na cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do século XX, temos que levar em conta que as classes detentoras dos instrumentos do estado predominante possuíam bem definidas seus posicionamentos sobre os grupos que estavam subordinados a este estado como será visto mais adiante.

No que se refere as comunidades, colocadas a margem da sociedade pelo estado excludente da época, as mesmas desenvolviam mecanismos de proliferação do conhecimento a partir de interações que iam desde conversas informais até a disseminação de informações a partir da mídia escrita e imagética,

Neste contexto é que pretendemos demonstrar a importância da imagem enquanto instrumento que vinha auxiliar na construção do pensamento crítico sobre as questões políticas, econômicas e sociais que se abatiam sobre os grupos marginalizados, dentro do espaço urbano em que existiam, no caso, a cidade do Rio de Janeiro.

Também, a partir das representações sociais, entender a importância dos textos imagéticos, que demonstravam de forma extremamente objetiva ou caricata, as convulsões motivadas pelas práticas de saúde, dentro do recorte temporal pretendido, e como os grupos marginalizados se interagiam para enfrentar tais questões.

A modernidade, em contraste, se caracteriza por centros mais diversos de poder, que exigem autoridade e legitimação, de tal modo que a regulação do conhecimento e da crença não é mais exercida do mesmo modo. O fenômeno das representações sociais pode, neste sentido, ser visto como a forma como a vida coletiva se adaptou a condições descentradas de legitimação. (MOSCOVICI, 2003, p.17).

Lembrando que as representações sociais não observam a luta de classes da mesma forma que o pensamento marxista, por exemplo, mas principalmente como as classes interagem com o estado vigente.

A legitimação não é mais garantida pela intervenção divina, mas se torna parte de uma dinâmica social mais complexa e contestada, em que as representações dos diferentes grupos na sociedade procuram estabelecer uma hegemonia (MOSCOVICI, 2003, p.17).

Desta forma podemos afirmar que as representações sociais, no que se refere ao papel da imagem enquanto instrumento de comunicação, auxiliam a compreender a construção das práticas que levaram ao desenvolvimento das características que irão constituir as relações entre o estado predominante da época e os grupos sociais marginalizados na cidade do Rio de Janeiro, não apenas pelo viés político, social e econômico, mas também pelo psicológico.

Lembrando que Moscovici, no que se refere a difusão do conhecimento, a partir de certas formas de comunicação, dentro de um determinado grupo afirma:

[...] Moscovici mostrou como a propagação, propaganda e difusão foram do modo que foram, porque os diferentes grupos sociais representam a psicanálise de diferentes modos e procuram estruturar diferentes tipos de comunicação sobre esse objeto, através dessas diferentes formas. Cada uma dessas formas procura estender sua influência na construção duma representação específica e cada uma delas também reivindica sua própria legitimação para a representação que ela promove. (MOSCOVICI, 2003, p.17).

Por isso, acredita-se que a finalidade do uso das representações sociais, neste trabalho, estrutura-se a partir da ideia de fazer com que um instrumento, de interpretação das relações em que o indivíduo esteja inserido, seja capaz de dar uma concreta compreensão sobre as práticas de saúde, a partir de leitura visual, no recorte temporal proposto.

Tal visão tem por finalidade auxiliar docentes e discentes em nível de Ensino Médio levantar discussões sobre a importância dos textos imagéticos como meio de comunicação de significativa abrangência social, não apenas como objetos de mera composição do espaço em que exercem seu cotidiano, mas enquanto profissionais da educação tratar a problemática que cerca a saúde no Brasil.

A partir das percepções citadas, acreditamos poder atingir o objetivo que é, além de analisar o papel das charges a respeito das práticas de saúde no final do

Império e início da República, conseguir demonstrar as dinâmicas sociais em que tais textos estavam inseridos, a partir dos sujeitos que estavam por trás dos olhares testemunhais do momento temporal analisado.

2.2 Ensino de Ciências e Saúde

Embora o presente trabalho caracterize-se por ser uma pesquisa que apresenta leitura imagética em um determinado corte temporal, ele tem por objetivo auxiliar docentes e discentes do Ensino Médio.

Para tanto, nos remetemos como os alunos de Ensino Médio entendem ciência e concomitantemente enfrentam o saber das ciências de modo crítico. Noutras palavras o ensino que levanta as representações sociais, ou seja, os pensamentos, valores e ideologias contidas nas imagens de saúde.

Por isso, com a finalidade de entender ciência, entre outros trabalhos adotamos o estudo de Jairo Dias de Freitas e Silvia Barreiros dos Reis – *Ensino de Ciências e Formação Profissional em Saúde de Nível Médio: Representações Sociais e Visões de Ciências* (2011).

Nele, os autores remetem ao fato de que os professores ainda passam uma visão mítica a respeito da ciência, descompartimentando-a de uma ação mais efetiva e limitando-se basicamente à reprodução do conhecimento para manter a ciência e a tecnologia neutra em relação à sociedade e suas dinâmicas (FREITAS, REIS, 2011 p.694).

Diante desta apresentação, pode-se afirmar que a ciência ainda é vista como o fator primordial de realizações tecnológicas ou o instrumento de salvacionismo da humanidade (FREITAS, REIS, 2011 p.700).

É importante ressaltar que como a ciência sempre carrega consigo a esperança de cura de doenças, até então vistas como incuráveis, acaba por se tornar um agente estimulador do sentimento otimista da humanidade.

Este sentimento é de fácil percepção a partir das representações sociais através de metáforas, julgamentos de valor e crenças figurativas, pois temos que

nos remeter ao que o conhecimento emana, a partir das práticas cotidianas das relações entre os indivíduos.

Destarte, não podemos esquecer que a produção das representações sociais é dinâmica, alimentada e realimentada, construída e reconstruída no cotidiano das relações sociais. Os elementos presentes no imaginário social diferem segundo o seu espaço de produção e significação e, dentro deste, segundo a realização individual na apropriação e organização do discurso. (FREITAS, REIS, 2011 p.695).

Entre outros autores que trabalham o ensino da Ciência e da Saúde, podemos citar Maria Flávia Gazzinelli, Andréa Gazzinelli, Dener Carlos dos Reis e Cláudia Maria de Mattos Penna no trabalho intitulado *Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença* (2005), em que analisam o saber ciência e saúde. Neste trabalho eles afirmam que

O princípio de se educar para saúde e para o ambiente parte da hipótese de que vários problemas de saúde são resultantes da precária situação educacional da população, carecendo, portanto, de medidas “corretivas” e/ou educativas.

Tal hipótese levou à utilização, na prática pedagógica em saúde, de estratégias ligadas à ideia de que a apreensão de saber instituído sempre leva à aquisição de novos comportamentos e práticas. Assim, comportamentos inadequados do ponto de vista da promoção da saúde são, então, explicados como decorrentes de um déficit cognitivo e cultural, cuja superação pode se dar por meio de informações científicas e saberes provenientes do exterior (GAZZINELLI, GAZZINELLI, REIS e PENNA, 2005 p.201).

Tais profissionais podem ser considerados referenciais da representatividade social da situação da saúde em contextos específicos, visto que em numa sociedade encontramos elementos de diversos matizes sociais, econômicos e culturais. Logo, visões heterogêneas não são exceção, mas sim a própria regra, reforçando a relação de trocas entre o indivíduo e o seu meio e vice-versa.

Ao partir de uma experiência em que se formam grupos e aos quais se apresentam três perguntas como opção de análise, percebe-se que ao final os resultados são inteiramente díspares entre um grupo e outro, pois temos que levar em consideração o perfil psicossocial de cada grupo.

Os grupos acabam por variar entre o otimismo e o cientificismo tecnológico. E como este trabalho se refere a alunos do ensino médio, fase de criticidade acentuada, reforça-se a necessidade de educar esta capacidade ampliando o olhar para a saúde, que se encontra em crise no Brasil.

Vale destacar que esta crise é fruto de outras externas e que devem ser pensadas nos bancos escolares desde cedo para o sufrágio ser volitivo e consciente. Assim, o uso de charges pode ajudar nesta visão ampliada dos discursos acerca de um determinado problema.

Nesta perspectiva assinalamos com Mendes (2011, p. 343) que o

[...] discurso de crise na saúde escamoteia o fato de que esta não ocorre em função do modelo de sistema, mas ao contrário, é fruto dos fatores “extra saúde”, relacionados às políticas macroeconômicas (UGÁ; MARQUES, 2005). Vivemos um momento marcado por mudanças impostas pelos ideários neoliberais que exigem cada vez mais o comprometimento e apoio de toda a sociedade para assegurar a superação dos desafios e garantir o êxito deste que é o sistema de saúde de todos os cidadãos brasileiros.

Neste aspecto, para entendermos como a saúde está sendo administrada nas escolas, utiliza-se o estudo de Maria Cristina do Amaral Moreira, Amanda Lima, Marco Antonio Rocha Silva e Isabel Martins – *A Saúde no Livro Didático de Ciências: Um Exercício de Análise* (2009), que trabalha a problematização dos conceitos de saúde e como estes são vistos.

Os autores, ao discutirem tal aspecto, demonstram a importância da escola enquanto agente formativo de indivíduos voltados para as práticas de saúde:

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais Ciências Naturais (1998, p.66-67) a saúde é descrita como relacionada ao tipo de vida de cada indivíduo e concedida em consonância com a discussão atual sobre a necessidade de estimular e viabilizar estratégias para sua promoção. [...] A escola aparece ocupando um papel importante na tarefa de formar indivíduos com capacidade de autocuidado, entendendo a saúde como um direito e responsabilidade pessoal e social. (MOREIRA, M. C. A.; AMANDA, L. ; SILVA, M. A. R.; MARTINS, I., 2009 p.6)

Como a escola não é um espaço homogêneo, é possível perceber a dificuldade de fazer ciência em uma sociedade múltipla - aqui representada por

alunos na área de saúde - e entender de forma heterogênea um conceito que ainda é apresentado de forma homogênea.

Posteriormente, estes mesmos alunos enfrentarão situação semelhante ao terem que interagir com uma multiplicidade de características sociais, pois as representações, dentro deste aspecto, são fluidas (FREITAS, REIS, 2011 p.703).

No que se refere a leitura visual, que é a proposta pretendida por este trabalho, pode-se afirmar que ela auxilia o discente quando, dentro das dinâmicas sociais em que está inserido, tem em mãos instrumentos de linguagem mais abrangentes do que o vivenciado na linguagem escrita.

Para finalizar, não podemos deixar de citar a evolução temporal de como se interpreta saúde e doença e como elas devem ser tratadas.

Com esse fim, utilizaremos o estudo de Maria Amélia de Campos Oliveira e Emiko Yoshikawa Egry, no trabalho *A Historicidade das Teorias Interpretativas do Processo Saúde-Doença* (2000), em que concebem as diversas formas como foram sentidas e, conseqüentemente, interpretadas as doenças ao longo da História da humanidade.

Ao longo da história, foram sendo forjadas diferentes teorias interpretativas sobre o processo saúde-doença, como consequência da atividade racional humana na busca de inferências causais para a doença (OLIVEIRA e EGRY, 2000 p.10).

Com isso, acreditamos poder, a partir desta breve leitura a respeito do material supracitado, criar um estudo que seja útil para os docentes ensinar os seus estudantes a analisar criticamente as questões da saúde no Brasil.

2.3 Do fim do Império a chegada da República.

O recorte temporal adotado remete a um momento de significativas transformações políticas no Brasil, pois se encerrava o período monárquico e iniciava-se a República que se apresentava estranha a uma população que na sua maioria não sabia ler e escrever.

Neste contexto as representações imagéticas, tem um papel fundamental, como afirmam Thiago Vasconcellos Modenesi e Edílson Fernandes de Souza em *As Charges Educando no Segundo Reinado do Império Brasileiro* (2011), pois acreditamos que, mesmo de forma subjetiva, executavam o trabalho de comunicar o que a escrita não conseguia devido ao analfabetismo da população, que alcançava, no final do império e início da República a taxa de 82,3% (FERRARO e KREIDLOW, 2004, p.183).

Neste cenário, como professor de História, nos despertou o interesse em discutir esta temática circunscrita no recorte temporal, pois sempre fui fascinado como as respectivas transformações eram vistas pelos chargistas da época, os quais, de forma cômica, captavam o importante momento que estava ocorrendo no país informando tanto aqueles que dominavam a linguagem escrita quanto os que não a dominavam.

No Segundo Reinado do Império Brasileiro a educação era voltada para poucos e com informações restritas ao permitido pelo Imperador. Em 1854 houve a elaboração de algumas leis sobre a educação, embora existisse essa iniciativa a maioria da população continuava analfabeta, poucos estudantes chegavam ao equivalente do ensino médio daquela época, as universidades eram um privilégio da elite. Só ocorrerão mudanças expressivas na República na área educacional.

Enxergamos o contraponto a isso nas publicações com preço acessível e com riqueza de imagens, aqui se destaca a Revista *Ilustrada*. Isso se deu nos periódicos, mas nas revistas que veiculavam ilustrações combinadas nas suas páginas com críticas literárias e textos que se faziam atrativos para os que sabiam ler pouco ou nada. (MODENESI e SOUZA, 2011 p.4)

Tal momento, no entanto, carrega no seu bojo a expectativa de que transformações sociais há muito ambicionadas pelas classes alienadas das decisões políticas, no Brasil, fossem colocadas em prática. Isso não ocorreu, pois o instante descrito, embora capitaneado pelos militares, foi dominado na sua raiz, e na sua consolidação, por latifundiários, os chamados “coronéis”, que insistiam na manutenção de práticas sociais e econômicas, herdadas do período colonial.

[...] O coronelismo representou uma variante de uma relação sociopolítica mais geral – o clientelismo -, existente tanto no campo como nas cidades. Essa relação resultava da desigualdade social, da impossibilidade de os cidadãos efetivarem os seus direitos, da precariedade ou inexistência de serviços assistenciais do Estado, da inexistência de uma carreira no serviço público.

Todas essas características vinham dos tempos da Colônia, mas a República criou condições para que os chefes políticos locais concentrassem maior soma de poder (FAUSTO, 2003, p.263).

Como o recorte temporal adotado está ambientado na cidade do Rio de Janeiro, o presente trabalho baseou-se em autores que procuraram descrever o cotidiano da sociedade carioca deste período, tendo como análise os conflitos que enfrentavam, os quais eram frutos das frustrações, inicialmente de um Império distante das profundas contradições sociais existentes, assim como, posteriormente, de uma República que no seu nascedouro prometia-se pública, mas que na prática era privativa de poucos (FAUSTO, 2003, p.261).

Para tratar os conflitos sociais advindos do impacto entre mudança política e manutenção socioeconômica, selecionamos diversos autores que abordam principalmente a visão da cidade do Rio de Janeiro no período citado.

Sidney Challoub, em sua obra *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano de trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque* (1986) descreve, a partir da situação de indivíduos oriundos dos diversos segmentos sociais e dos aparelhos reguladores do Estado, os problemas enfrentados por setores da população que, embora estivessem inseridos em uma “nova” realidade política que se colocava como de domínio público, na prática era excludente, negando a condição de cidadania para aqueles considerados à margem da sociedade.

Tal visão é apontada pelo autor, entre outros aspectos, na forma como as elites do período temporal pretendido buscavam apresentar a nova sociedade que iria caracterizar a nascedora República.

Entre os exemplos, podemos citar as novas concepções referentes ao trabalho, lembrando que no final do Império ainda perdurava a escravidão, vigente desde quando os portugueses chegaram ao Brasil:

Assim, a perspectiva do fim da escravidão colocava para os detentores do capital a questão de garantir a continuação do suprimento da mão-de-obra, e tal objetivo só poderia ser alcançado caso houvesse uma mudança radical no conceito de trabalho vigente numa sociedade escravista. Era necessário que o conceito de trabalho ganhasse uma valoração positiva, articulando-se então com conceitos vizinhos como o de “ordem” e “progresso” para

impulsionar o país no sentido do “novo”, da “civilização”, isto é, no sentido da constituição de uma ordem social burguesa (CHALLOUB, 1986 p.29)

Também com Sidney Chalhoub, tratamos da situação social e questões ligadas a problemática das práticas de saúde, no fim do Império, a partir do seu estudo intitulado *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial* (1999), em que ele aborda a construção da ideia referente aos conceitos de *classes pobres* e *classes perigosas*, na época, vistos como sinônimos.

Por isso, dentro desta interpretação, a repressão do Estado sobre as populações que viviam à margem da sociedade torna-se uma necessidade justificável, assim como as práticas de saúde que começam a se delinear.

Neste caso nos referimos ao modelo sanitaria Campanhista, desenvolvido no início do século XX, e que tinha por base a erradicação de doenças a partir de uma ação praticamente militarista caracterizada, portanto, no uso da força para fazer valer as políticas de saúde do Estado Oligárquico da época (MERHY, MALTA e SANTOS, p. 5)

Para corroborar as consequências de tal modelo remetemos a Nicolau Sevcenko, que ao falar da reforma urbana do Rio de Janeiro, e da política de saneamento na mesma cidade, durante o governo do presidente Rodrigues Alves, em seu trabalho, *A Revolta da Vacina, Mentis Insanas em Corpora Rebeldes* descortina o quadro, onde a repressão do Estado de Direito sobre as massas era levado a extremos, caracterizada na insensibilidade para com os problemas sociais que surgem como consequência justamente pelas políticas intolerantes que tinham por finalidade fazer valer suas ações de saneamento e melhoria da cidade do Rio de Janeiro como vemos no seguinte trecho:

Os alvos da perseguição policial não eram aqueles indivíduos que se poderia comprovar terem tido alguma participação nos distúrbios, mas sim, genericamente, todos os miseráveis, carentes de moradia, emprego e documentos, que eram milhares, e cuja única culpa era viverem numa sociedade caótica e serem vítimas de uma situação crônica de desemprego e crise habitacional que a própria administração havia desencadeado. A rigor, no contexto do processo de Regeneração, tratava-se de livrar a cidade desse entulho humano, como uma extensão da política de saneamento e profilaxia definida pelo projeto de reurbanização.

Os aspectos observados estão relacionados a forma como as relações sociais vão sendo construídas após a Proclamação da República. Neste ponto remetemos a Sidney Chalhoub, em sua obra *Cidade Febril* (1999), que demonstra a relação entre o estado e as classes pobres, a partir de um arcabouço de informações os quais permitem fazer uma ligação com os acontecimentos que irão ocorrer em 1904, caracterizados no movimento que ficou denominado de Revolta da Vacina.

[...] Assim é que a noção de que a pobreza de um indivíduo era fato suficiente para torná-lo um malfeitor em potencial teve enormes consequências para a história subsequente de nosso país. Este é, por exemplo, um dos fundamentos teóricos da estratégia de atuação da polícia nas grandes cidades brasileiras desde pelo menos as primeiras décadas do século XX. A polícia age a partir do pressuposto da suspeição generalizada, da premissa de que todo cidadão é suspeito de alguma coisa até prova em contrário e, é lógico, alguns cidadãos são mais suspeitos do que outros (CHALLOUB, 1999, p.23).

É importante enfatizar que as políticas de saúde da época eram conduzidas por um estado de direito excludente, que via nas camadas marginalizadas um problema a ser eliminado.

Também em *Cidade Febril* temos outro exemplo da forma de pensar as classes pobres que diz

Os debates parlamentares não respondem à questão com clareza, mas é possível perceber uma tendência: para os nobres deputados, a principal virtude do bom cidadão é o gosto pelo trabalho, e este leva necessariamente ao hábito da poupança, que, por sua vez, se reverte em conforto para o cidadão. Desta forma, o indivíduo, que não consegue acumular, que vive na pobreza, torna-se imediatamente suspeito de não ser um bom trabalhador. Finalmente, e como o maior vício possível em um ser humano é o não trabalho, a ociosidade, segue-se que aos pobres falta a virtude social mais essencial; em cidadãos nos quais não abunda a virtude, grassam os vícios, e logo, dada a expressão “classes pobres e viciosas”, vemos que as palavras “pobres e “viciosas” significam a mesma coisa para os parlamentares (CHALLOUB, 1999 p.22).

Para tratar dos símbolos que norteavam a República que estava surgindo e com eles, a identidade da nova ordem política, eram vistos pelo povo, remetemos a José Murilo de Carvalho em *A Formação das Almas* (2005) que, entre outros

aspectos, demonstra a importância de uma leitura imagética simbólica deste período, quando diz:

O extravasamento das visões da República para o mundo extra elite, ou as tentativas de operar tal extravasamento, é que me interessarão diretamente. Ele não poderia ser feito por meio do discurso, inacessível a um público com baixo nível de educação formal. Ele teria de ser feito mediante sinais mais universais, de leitura mais fácil, como as imagens, as alegorias, os símbolos, os mitos (CARVALHO, 2005 p.10).

Acreditamos que as visões apresentadas em muito colaboram com a compreensão das dinâmicas sociais existentes no corte temporal pretendido.

Também com José Murilo de Carvalho em *Os Bestializados - O Rio de Janeiro e a República que não foi* (1987), demonstramos como a população da cidade carioca, que era a capital do país da época, posiciona-se sobre questões políticas no final do Império e início da República.

O autor aborda a questão de como os indivíduos serão vistos, enquanto cidadãos, logo após a Proclamação da República, ou seja, dependendo da sua condição social, a República que ora se apresentava como “*coisa pública*”, a que todos teriam acesso, na verdade, a partir dos aparelhos políticos que vão se constituindo, demonstra ter ações tão excludentes, em nível social, quanto o que ocorria no “*falecido*” Império (CARVALHO, 2011 p. 18).

No que se refere a Revolta da Vacina, José Murilo de Carvalho demonstra o impacto da política de saúde implementada no governo republicano de Rodrigues Alves ao afirmar

Em 1904, a lei da vacinação obrigatória teve exatamente o mesmo espírito de despotismo ilustrado, apesar de votada pelo Congresso. Desta vez, a interferência do poder público foi levada para dentro da casa dos cidadãos, seu último e sagrado reduto de privacidade. Na percepção da população pobre, a lei ameaçava a própria honra do lar ao permitir que estranhos vissem e tocassem os braços e as coxas de suas mulheres e filhas (CARVALHO, 2011, p.37).

No entanto não podemos nos furtar a demonstrar que as forças políticas, que se gestaram logo após a Proclamação da República, não se encontravam inteiramente insensíveis aos problemas da população que vivia na Capital que era do Império e a partir de 1889 passou a ser República. Com a finalidade de apresentar o pensamento político, no recorte temporal pretendido, analisamos o trabalho de Rosane dos Santos Torres, *Ecos na Capital: relações de poder e cotidiano político na cidade do Rio de Janeiro em fins do século XIX* (2008) onde a autora analisa os embates políticos que ocorriam na capital do Império e, posteriormente, da República, no início do século XIX:

Mas se, para o conjunto, a cidade do Rio de Janeiro, nesses primeiros anos republicanos, continuava a ser uma referência nacional; internamente, o quadro social que dela emergia era aquele que apontava para um quantitativo populacional denso, e que ainda convivia com a presença do analfabetismo, com problemas habitacionais, de higiene, de alimentação e de salubridade. Dificuldades que afetavam a vida da população e que tantas vezes foram transformadas em demandas formais para os representantes do poder público (TORRES, 2008 p.5).

Por ser Capital Federal, o Rio de Janeiro vai ser observado por diversas instâncias de poder, sendo elas a Presidência da República, o Senado Federal, a Prefeitura e o Conselho de Intendência Municipal (TORRES, 2008 p.3).

Dentro destas quatro esferas de poder, surgidas logo após a Proclamação da República, observamos que havia um debate intenso, sobre as questões sociais ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, motivadas por interesses políticos que se voltavam para as necessidades da população objetivando se fortalecerem politicamente com a finalidade de garantirem a sustentação nos seus respectivos quadros de poder (TORRES, 2008 p.3).

Esta situação contrastava, no Rio de Janeiro, com o avanço das camadas médias urbanas e, sobretudo, o surgimento da classe operária (FAUSTO, 2003 p.295), ou seja, como as dinâmicas destas classes eram observadas pelos aparelhos de poder da época, destacando-se o Conselho de Intendência Municipal onde se observava intenso debate sobre os problemas da população (TORRES, 2008 p.11).

E é neste contexto político em que ocorre a atuação de Pereira Passos na reforma urbana da cidade, que era a capital da República, e suas consequências, ou seja, os aspectos que envolveram os trabalhos de engenharia e seus principais impactos na paisagem urbana da época materializadas nas grandes obras que mudaram a face da cidade (AZEVEDO, 2003, p.43-44).

A partir do trabalho de André Azevedo (2003) entendemos que a questão econômica sobrepõe-se as sociais determinando, com isso, as políticas reformistas da cidade, tanto é que, na Reforma de Pereira Passos, o porto situava-se como foco inicial das ações reformistas sendo integrado pelas demais obras urbanas e pelas políticas sanitárias que viriam como complementação deste foco principal (AZEVEDO, 2003 p.43).

No que se refere aos confrontos políticos entre os donos do poder e os grupos marginalizados da época, Nicolau Sevckenko, a partir do seu estudo *A Revolta da Vacina, mentes insanas em corpos rebeldes* (1993), que trata das raízes da revolta quando diz.

Começava por adiar por seis meses as eleições para a Câmara Municipal, o que vinha deixar ao prefeito, desde logo, as mãos livres de qualquer algema oposicionista [...]. o artigo 23 completava a disposição, pois, segundo ele, quando se tratasse de demolição, despejo, interdição e outras medidas, haveria apenas um auto afixado no local, que previa penalidades contra as desobediências. Daí vieram os numerosos casos de demolição, com famílias recalcitrantes ainda dentro dos prédios.” (SEVCENKO, 2001, p. 46).

Com relação às políticas de saúde ocorridas no Brasil, dentro do recorte temporal citado, não poderíamos deixar de mencionar o trabalho de Ângela Porto e Carlos Fidelis Ponte intitulado *Vacinas e campanhas: as imagens de uma história a ser contada* (2003).

O respectivo trabalho demonstra a importância da iconografia nas campanhas de vacinação no nosso país, tanto como forma de conscientizar a necessidade de se submeter à vacinação, não como prevenção, mas como cura para um mal que estaria por vir, assim como critica aos métodos de como se aplicava as vacinas.

A iconografia em torno das vacinas e das campanhas de vacinação constitui importante acervo para aqueles que se interessam pela temática das políticas de imunização. Nela, muitas vezes, estão presentes diversas representações sobre as vacinas e as doenças por elas combatidas; os ambientes onde as vacinações eram postas em prática; os veículos e as estratégias de convencimento e comunicação de massa, bem como o conhecimento que se tinha a respeito das doenças e das vacinas utilizadas para combatê-las. (PORTO; PONTE, 2003 p.1)

E sobre as visões mais críticas a respeito das questões políticas dos diversos setores da sociedade, nos prenderemos ao eixo central do trabalho, que é o papel das charges como um olhar sobre o Rio de Janeiro, dentro do corte temporal pretendido.

Neste caso atentaremos para o estudo de Luiz Guilherme Sodré Teixeira - *O traço como texto: A história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930* (2001), que faz um estudo sobre o papel das charges, no Brasil, desde meados do século XIX até a primeira metade do século XX, a partir de um levantamento dos diversos chargistas que atuaram dentro do período estudado, suas posições e como seus olhares percebiam o que estava à volta.

2.4 Imagens

O presente trabalho busca também formalizar a leitura visual de modo a possibilitar, aos docentes da área de saúde, levantar questões sobre o atual papel das imagens nas diversas práticas de saúde, e entender se estas são um instrumento útil, quando há necessidade de se comunicar em larga escala, atingindo de imediato toda uma comunidade, independente das diversidades sociais, econômicas, religiosas e culturais apresentadas por ela.

Entre os autores que analisam o assunto adotamos Lúcia Santaella que trabalha, dentro do estudo da imagem, a Semiótica.

A importância da Semiótica, neste estudo, advém do fato de ser a ciência que analisa toda e qualquer linguagem, principalmente a imagética em suas diversas formas.

Entre os estudos de Lúcia Santaella, utilizamos *O que é Semiótica* (1983), no qual faz um breve resumo sobre o assunto, abordando, entre outros aspectos, o trabalho do criador de tal ciência, Charles Sanders Pierce.

Lúcia Santaella demonstra, em todos os seus estudos, a importância da imagem enquanto significativo recurso da comunicação, como afirma em *O que é Semiótica* (1983).

[...] em todos os tempos, grupos humanos constituídos sempre recorreram a modos de expressão, de manifestação de sentido e de comunicação sociais outros e diversos da linguagem verbal, desde os desenhos nas grutas de Lascaux os rituais de tribos “primitivas”, danças, músicas cerimônias e jogos, até as produções de arquitetura e de objetos, além das formas e criação de linguagem que viemos a chamar de arte: desenhos, pinturas, esculturas, poética, cenografia, etc. (SANTAELLA, 1983 p.15)

No seu estudo *Semiótica Aplicada* (2002), Lúcia Santaella aprofunda sua visão sobre Semiótica e como essa ciência pode ser aplicada. A partir deste estudo, é possível compreender a interpretação das leituras visuais e, particularmente como o indivíduo interage com elas, ou seja, decodificar os objetos ou mais apropriadamente os signos a que se referem e a forma como ele existe.

Para tanto, em relação aos signos, Lúcia Santaella, em *Semiótica Aplicada* (2002), demonstra, no item em que analisa fenomenologia e semiótica, que diz:

Em uma definição mais detalhada, o signo é qualquer coisa de qualquer espécie (uma palavra, um livro, uma biblioteca, um grito, uma pintura, um museu, uma pessoa, uma mancha de tinta, um vídeo etc.) que representa uma outra coisa, chamada de objeto do signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo. (SANTAELLA, 2002 p.8)

É importante lembrar que imagem é praticamente tudo o que se é captado pelos sentidos, e a partir desta premissa pode-se afirmar que a comunicação visual, a qual observamos a partir da Semiótica, apresenta-se de forma mais dimensionada. A própria codificação da escrita não se limita ao alfabeto surgido no mundo ocidental, como diz Lúcia Santaella, em *O que é Semiótica*(1983):

E, quando consideramos a linguagem verbal escrita, esta também não conheceu apenas o modo de codificação alfabética criado e estabelecido no Ocidente a partir dos gregos. Há outras formas de codificação escrita, diferentes da linguagem alfabeticamente articulada, tais como hieróglifos, pictogramas, ideogramas, formas estas que se limitam com o desenho. (SANTAELLA, 1983 p.15-16)

Ainda em relação ao estudo das imagens a partir da Semiótica, buscamos a ponte entre essa forma de estudo e a sala de aula com a dissertação de mestrado de Erica Juliana Santos Rocha, que tem como tema *Multimodalidade, Sócio construção do conhecimento e a Sala de aula: uma associação possível?* (2008).

No seu estudo, Rocha discute que a leitura imagética vai para além das páginas de um livro. Ela se encontra em todo o ambiente do espaço escolar:

Se observarmos o ambiente escolar, perceberemos quantos modos de representação existem nesse espaço. Os alunos, apesar do uso de uniformes, sempre procuram expressar no seu visual algo que lhes atribua uma marca particular. A própria escola é recheada de cartazes e informativos, entre outros que expressam várias semióticas presentes ali. (ROCHA, 2008 p.34)

A importância do estudo da utilização de imagens tem sido relevante, pois prova disso é a diversidade de obras literárias que tratam do uso das imagens, por exemplo, nos livros didáticos de História, identificando não só a importância mas também a metodologia utilizada para uma melhor aplicabilidade de tais instrumentos visuais.

Para tanto, como exemplificação enfocamos também autores como Valesca Giordano Litz, cujo estudo *O Uso da Imagem no Ensino de História* (2009) tem por objetivo pensar a relação entre a teoria e a prática do uso da imagem no ensino da História.

É importante salientar que em seu estudo, Valesca Giordano Litz com seu trabalho auxilia a capacitar o educador como melhor utilizar a imagem, no caso do seu trabalho especificamente no ensino da História. Conseqüentemente, constrói metodologias que auxiliem de forma mais eficiente para se trabalhar imagens nas salas de aula.

O objeto de pesquisa de Litz é a imagem nos livros didáticos de História do Ensino Médio. E deste objeto Litz buscou apreender a análise da leitura iconográfica, a qual, nos últimos anos, deixou de ser um tema exclusivo de áreas ligadas às artes ou a disciplinas relacionadas ao tema, como a disciplina de História da Arte, aplicada em algumas escolas de Ensino Médio. É algo que já vem sendo visto como necessário em algumas disciplinas escolares, como a História (LITZ, 2008 p.2).

Quando se trabalha com a análise de uma imagem, alguns procedimentos são necessários no processo de ensino e aprendizagem, para que não se perca a intencionalidade: usar imagens sempre como forma de aprendizado e conhecimento. Por isso, qualquer imagem precisa ser bem utilizada e bem explorada e, quando necessário, articulada a um texto, passível de ser interpretada, pois, representa uma determinada época. Dessa forma, se constituirá em uma autêntica fonte de informação, de pesquisa e de conhecimento, a partir da qual o aluno pode perceber diferenças e semelhanças entre épocas, culturas e lugares distintos. (LITZ, 2008 p.6).

Ao tratar do estudo de imagens, alguns autores usam termos variados para a mesma finalidade, o que não raro causa certa dificuldade no entendimento de se fazer uma *leitura de Imagens*.

Tais conceitos são tratados por Maria Emília Sardelich, no seu trabalho *Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa* (2006), que discute a necessidade de uma alfabetização visual, apresentando os conceitos que fundamentam propostas de leitura de imagem e cultura visual, utilizando referenciais teóricos nas áreas de Antropologia, Arte, Educação, História e Sociologia, ou seja, a partir do momento em que a imagem, enquanto signo passa a demonstrar um universo de significados faz-se necessário um conhecimento prévio para que se possa, de forma condizente, interpretar a mesma (SARDELICH, 2006 p.453).

Com isso percebemos que a leitura iconográfica nos últimos anos deixou de ser um tema exclusivo de áreas ligadas exclusivamente as artes ou disciplinas relacionadas ao tema, como a de História da Arte, aplicada em algumas escolas de Ensino Médio.

Para tanto também, como exemplificação, temos em Bárbara Barros de Olim, o estudo *Imagens em Livros Didáticos de História da Séries Iniciais* (2010), uma análise comparativa e avaliadora feita, através de três coleções de livros didáticos de 1ª a 4ª séries, em que avalia os métodos aplicados no uso de imagem em cada uma dessas coleções.

Em seu trabalho Olim conclui a necessidade de auxiliar os multiplicadores do conhecimento de ciências, nos cursos de formação de profissionais da área de ensino, estabelecendo um melhor direcionamento do uso das imagens que, não raro, são citadas como mera ilustração na construção do conhecimento, quando, na verdade, para um melhor aproveitamento, deveriam ser utilizadas como mais um instrumento de comunicação para aprimorar o estudo na área de ciências, como já vem ocorrendo em outros segmentos do conhecimento (OLIM, 2010 p.95).

Sendo a imagem um importante recurso da comunicação, faz-se necessário criar uma oportunidade para os professores, através de uma análise situada dentro do corte temporal proposto, desenvolver, juntamente com os seus respectivos estudantes, o debate de estratégias para a utilização de imagens, seja

no cotidiano dos espaços escolares, com a finalidade de conscientizar tanto estes profissionais como os seus estudantes, o valor da charge como forma de linguagem, para atingir determinados fins como campanhas, alertas, esclarecimentos, ou outros aspectos, ou seja apenas para repensar o espaço imagético onde exerce suas atividades ligadas a saúde.

Acreditamos que ao trabalhar o respectivo material, poderemos fazer a ponte entre o estudo das charges no período histórico pretendido e o uso destas em sala de aula sobre a saúde, no nível de Ensino Médio.

No dicionário Priberam da Língua Portuguesa a charge, do francês charger significa carga, portanto, é um traçado pictográfico exagerado e satirizado de fatos, pessoas, acontecimentos, geralmente de caráter político.

As charges foram criadas no princípio do século XIX, por pessoas opostas a governos ou críticos políticos que queriam se expressar de forma jamais apresentada, inusitada (FONSECA, 1999, p. 26).

Enquanto gênero discursivo de característica própria de produções de temas contextualizados (ABAURRE; ABAURRE, 2007), as charges representam uma arte carregada de estética que expressam os sentimentos, os valores, as ideologias, as crenças e as esperanças da sociedade em um contexto específico.

As charges são as formas de linguagem visual exagerada de comicidade e ridicularizada que permite aos sujeitos expressar a sua compreensão das coisas (HEIDEGGER, 2002), ou seja, de tudo que se vê e o que não se vê.

Assim, as charges como forma de linguagem visual são instrumentos comunicativos que têm força de moldagem do pensamento por quem a ela se adapta (VIGOTSKI, 2003). As charges são, portanto, o fenômeno de comunicação que é estabelecido e sempre carregam múltiplas representações, em especial as sociais (MOSCOVICI, 1979).

As representações sociais como vimos anteriormente são formas de comunicação que os grupos sociais e seus integrantes elaboram para se familiarizar com os fatos, os conhecimentos, as pessoas de modo a sustentar condutas. Estas representações são visivelmente encontradas nas charges.

Moraes (2013, p.1) explica que sendo “representação gráfica da esfera do simbólico, a charge é, antes de tudo, fragmento de uma determinada conjuntura e visão acerca de um acontecimento/situação/personagem.”

O signo que, segundo Santaella (2004), é responsável por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos e também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais. Para ela, “todo signo é, em maior ou menor medida, uma espécie de imagem especular: o signo não é apenas um corpo físico que habita a realidade, mas também é capaz de refletir essa realidade de que ele é parte e que está fora dele” (SANTAELLA, 1996, p.).

Com Raslam e Guimarães (2013, p.12) percebemos que as charges são

[...] “muito utilizadas para retratar o futebol e criticar a política brasileira, as charges foram criadas por pessoas com o objetivo de expressar a oposição ao governo e realizar críticas políticas de maneira jamais apresentada. Foram reprimidas por governos e impérios por se tornarem populares, fato que acarretou na sua existência até os dias de hoje.” (RASLAM, GUIMARÃES, 2013, p.12)

Enfim, como forma de comunicação ajustada a um tempo para manifestar de modo lúdico uma crítica, faz-se um importante instrumento pedagógico no ensino, especialmente junto aos jovens em formação da habilidade de criticar as coisas.

3. DIMENSÃO TÉCNICA.

O trabalho utilizou como base de estudo as dimensões Novikoff (2010) de natureza qualitativa e tendo por objetivo fazer uma abordagem indutiva, a partir dos dados coletados na pesquisa bibliográfica, em três etapas. A primeira foi a revisão no banco de tese da CAPES; a segunda, a revisão de artigos e obras correlatas ao tema.

Neste capítulo são percorridas as estratégias de montagem do corpus de estudo, a sua análise e a apresentação do produto desta dissertação, como parte da exigência do mestrado profissionalizante.

No que se refere a trabalhos correlatos ao tema, após pesquisa feita na CAPES¹, no banco de trabalhos de ordem profissionalizante encontramos, entre os anos de 2002 e 2011, um total geral de 61 trabalhos distribuídos nos itens como consta no gráfico1.

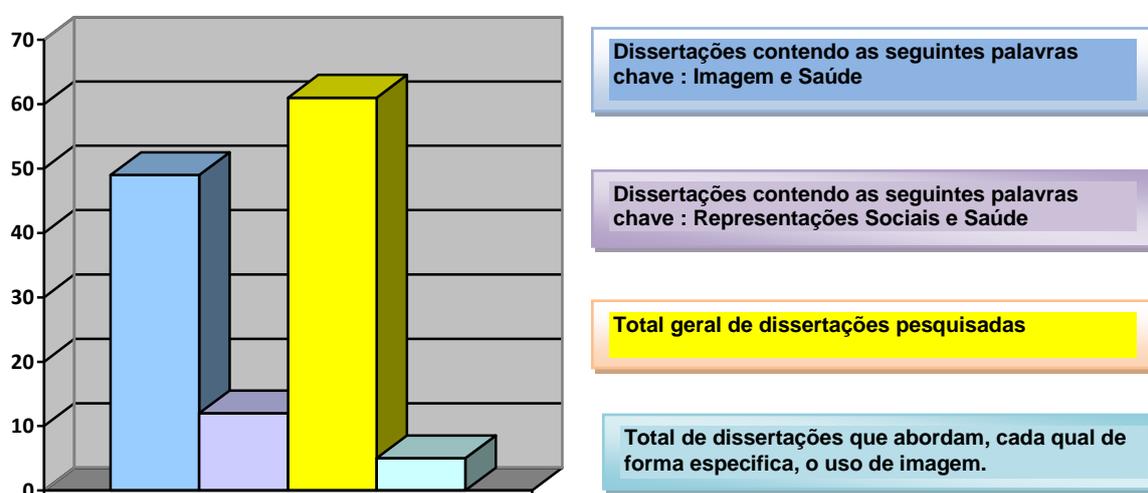


Gráfico 1 – Distribuição de trabalhos levantados na CAPES (2002-2011)

O presente gráfico limitou-se a pesquisar dissertações voltadas para área dos cursos *strictu sensu* a nível profissionalizante.

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Do total de dissertações pesquisadas, apenas cinco (5) tratavam do uso da imagem, sendo que não se assemelham à proposta feita por este trabalho.

Cabe destacar que as charges tendo como tema questões relacionadas a saúde, são escolhas feitas em razão da experiência vivenciada pelo autor como professor de História sendo o produto um livro sobre estratégia de análise de imagens.

A revisão bibliográfica para as etapas 1 e 2 tratada na Tabela de Análise de texto das Dimensões Novikoff (Anexo 1).

Para tratamento das charges, utilizamos a leitura iconográfica, que estuda a origem das imagens, como instrumento de percepção visual, apresentando os seus significados, ou seja, uma linguagem visual que, a partir de uma imagem, representa um determinado tema.

Neste aspecto, para entender o significado do tema imagético, a iconografia busca, a partir da constituição deste identificar, entre outros aspectos, a forma como o texto visual foi produzido para, a partir de tal entendimento, definir qual a melhor aplicabilidade da respectiva imagem, tanto para comunicar uma ideia como para complementar um texto escrito.

Na busca de uma organização da análise, seguiremos as dimensões do significado e interpretação de imagens de Bohnsack (2010), conforme o quadro 1.

Quadro 1- Dimensões do Significado e Interpretação de Imagens de Bohnsack (2010).

DIMENSÕES	CARACTERÍSTICAS
Interpretação documentária (interpretação icônico-iconológica)	- Esta ligada ao <i>habitus</i> que se relaciona ao <i>modus operandi</i> , ou seja, à apresentação de um contexto ao ser produzida a partir de fenômenos individuais ou coletivos, relativos ao meio social.
Conhecimento comunicativo	- Tem a ver com o conhecimento generalizado de instituições e regras.

Continuação

Cont.

DIMENSÕES	CARACTERÍSTICAS
Conhecimento conjuntivo	- Relacionado ao conhecimento de motivações concretas a partir de atores concretos. <i>Questão:</i> Que histórias concretas as imagens nos contam?
Composição formal	- Refere-se à composição planimétrica, projeção perspectiva e coreografia cênica.
Interpretação iconográfica (mensagem conotativa)	- Interpreta o tema ou mensagem de um determinado assunto. <i>Exemplo:</i> Uma ação que esteja representada em uma determinada imagem.
Nível pré-iconográfico de significado (mensagem denotativa)	- Refere-se às primeiras interpretações comuns à vida cotidiana. <i>Exemplo:</i> Um gesto simples como a ação de apontar o dedo em direção a algo.

Fonte: WELLER, W.; PFAFF, N. Metodologias da pesquisa qualitativa em educação. 2010.

Em síntese, acreditamos ser necessário cada vez mais aprimorar a leitura iconográfica, por se observar não haver uma orientação específica dentro dos cursos de formação de professores.

Observa-se que o uso de imagens, em diversos ramos do conhecimento, ainda segue padrões da Europa e Estados Unidos, limitando-se, com isso, à oferta de ferramentas que auxiliem profissionais das escolas de Nível Médio a trabalharem a leitura imagética em sala de aula (SARDELICH, 2006 p.464)

Com isso, não podemos deixar de citar que a Teoria das Representações Sociais, que é o instrumento utilizado para se compreender as relações propostas dentro do corte histórico, podem ser expressas pela mídia, através de seus instrumentos diversos de comunicação que interagem nas decisões e interpretações de nossas vidas cotidianas (MOSCOVICI, 2003, p.8).

A relação que pretendemos fazer, com a abordagem que foi dada na pesquisa, é o fato de que neste aspecto, por ser um trabalho voltado para professores do Ensino Médio, visa propor uma forma de instrumentá-los metodologicamente com a aplicabilidade das imagens enquanto agentes midiáticos a oferecer informações que têm, como primeiro passo de interpretação, a percepção visual. Para tanto adotou-se as charges como disparador da linguagem crítica das representações sociais ali contidas.

É claro que, dentro deste aspecto, torna-se relevante destacar a experiência pessoal do sujeito a partir do meio em que se situa, pois a sua vivência irá determinar a compreensão ou não do que visualmente é percebido. Portanto, não poderíamos deixar de ressaltar a importância do estudo das representações sociais nesta pesquisa.

É importante salientar que as Representações Sociais são auxiliadas pela Psicologia Social a qual estuda, entre outros aspectos, como as pessoas, ao partilharem as ideias que são de senso comum, transformam-nas em atividades práticas.

A revolução cognitiva, na psicologia, iniciada na década de 1950, legitimou a introdução de conceitos mentalistas, que tinham sido proscritos pelas formas mais militantes do comportamentalismo, que dominou a primeira metade do século vinte e, subsequentemente, as ideias de representações foram o elemento central na emergência da ciência cognitiva, nas duas últimas décadas. (MOSCOVICI, 2003, p.19)

Podemos afirmar que as ideias, ao saírem do plano imagético e da racionalidade, materializam-se no mundo real, auxiliando nas transformações, que, de forma incessante, ocorrem entre as pessoas.

Não podemos negar que as variações entre o pensar e o materializar, no final, apresentam características não esperadas, que proporcionam novas ideias e, conseqüentemente, novas práticas cotidianas.

A partir desta premissa, podemos afirmar que o conhecimento é fruto da interação e comunicação cotidiana nos diversos níveis da sensibilidade humana.

Com esta finalidade, neste aspecto, como método de interpretação, podemos citamos Ralf Bohnsack que no seu trabalho *A Interpretação de imagens segundo o método documentário* (2010), inicia sua argumentação apresentando o crescimento de métodos qualitativos contrastando com a marginalização da imagem e observa que a pesquisa qualitativa, dentro do campo científico, apresenta-se, preferencialmente, na forma de “frases observáveis” ou “frases protocolares”, ou seja, em um formato textual (BOHNSACK, 2010, p. 114).

Portanto, metodologicamente a interpretação de imagens não se relaciona apenas com a percepção visual, mas sim dentro de todo um arcabouço que descortina as informações vinculadas a ela

Reconhecer que imagens têm *status* metodológico de sistemas autorreferenciais também traz consequências para as formas de entendimento de imagens como um meio de comunicação. (BOHNSACK, 2010, p. 115)

Ao buscar compreender as imagens através delas e sobre elas, o autor desvenda a importância dos textos visuais enquanto orientadores de comportamento e situações.

Inicialmente, apresenta a percepção pré-reflexiva através da interpretação icônica, que é objetiva, quase automática. Nela, o sujeito percebe e decodifica de forma atórica, pelo fato de já possuir um conhecimento implícito sobre o que capta.

De um lado, temos – como eu gostaria de chamá-los – os *produtores de imagens que representam*, por exemplo, o fotógrafo ou artista, assim como todos que estão agindo por detrás da câmera e que estão participando na produção da imagem, mesmo depois do registro da fotografia. Do outro, temos os *produtores de imagens representados*. São as pessoas, criaturas e cenas sociais que são parte do sujeito da imagem e estão agindo em frente à câmera. Os problemas metodológicos que resultam nessa complexa relação entre estas duas categorias diferentes de produtores de imagem podem ser facilmente resolvidos, desde que as duas categorias de produtores pertençam ao mesmo ambiente, ao mesmo “espaço de experiências” (BOHNSACK, 2010, p. 119).

Acreditamos que a partir de tal metodologia, utilizando as charges originadas dentro do período temporal proposto poderemos ter uma leitura que possibilite decodificar as relações que o texto imagético demonstra.

Vale ressaltar que a finalidade deste trabalho é oferecer um auxílio aos professores do Ensino Médio, no que se refere a promover questionamentos, a partir da interpretação de uma respectiva imagem associada a saúde, com a finalidade de dimensionar os métodos de ensino e aprendizagem via charges.

Ao desenvolver metodologias para compreender o texto imagético, o sujeito preceptor pode, a partir de suas experiências pessoais e de forma mais produtiva, fazer uma leitura visual que permita a ele interagir de acordo com sua vivência, a partir do meio em que se localiza (BOHNSACK, 2010, p. 118).

A metodologia de estudo da imagem, é complexa, pois não está limitada a uma leitura de identificação da imagem percebida, mas sim, à observação de todo um arcabouço que comunica além do seu significado aos olhos de quem olha. Comunica mensagens implícitas que desvendam conhecimentos a partir das experiências pessoais de cada um (BOHNSACK, 2010, p. 131).

As diversas informações deste trabalho são dadas desde o período temporal até os diferentes valores de uma época e sua manutenção ou extinção em outra. Assim as imagens se apresentarão na forma de charges de acordo com a diversidade, que seus produtores também variam. Com isso serão necessários métodos que permitam decodificar o texto visual de acordo com a realidade social e psicológica do sujeito produtor da imagem.

No caso da charge, por exemplo, temos que levar em conta que o elemento que o produz o faz a partir de uma crítica a algo que deva ser denunciado ou até mesmo exaltado, diferentemente da fotografia, em que a relação é mais direta.

Dentro deste aspecto, podemos destacar o que nos diz Liebel, (2011):

O papel do representado em alguns casos específicos, como em desenhos animados, animações ou em charges, por exemplo, deixa de ser um papel “objetivo”, ou seja, de modelo real e presente, e passa a ser um papel “subjetivo”. (LIEBEL, 2011, p.177).

Com isso, retorna-se à opção pelas dimensões Novikoff e parte-se de uma observação em que os métodos comumente utilizados pelos pesquisadores ainda conservam estruturas que, embora acumulem o conhecimento, não têm por objetivo profundo mudar o próprio conhecimento, ou seja, no final temos o conhecer para manter o que já é conhecido.

Tal processo encontra respaldo em vários discursos engessados e em metodologias que, embora se apresentem como novos, na prática não ousam romper com a tradição da pesquisa acadêmica e com os seus paradigmas, que limitam as percepções que serviriam de combustível para a gestação de formas de saberes socializados, não apenas na comunidade acadêmica, mas também na sociedade em que serão aplicados tornando sua praticidade não apenas um experimento a corroborar a pesquisa, mas torná-la útil a quem possa interessar (NOVIKOFF, 2010, p.215).

A partir destes aspectos, levantados pela autora citada, apresentou-se uma proposta dialética, tendo por base dimensões que delineiam um conjunto de conhecimentos.

De acordo com Novikoff (2010), a singularidade com que se pode desenvolver um projeto, a partir da submissão do objeto de pesquisa, em diversas dimensões de conhecimento, permite a construção do saber a fim de que se interprete tal objeto de maneira epistemológica, teórica, técnica, morfológica e analítico-conclusiva.

Com isso, a proposta, a partir de diversas dimensões, permite que se faça pesquisa de forma criativa, crítica e responsável na graduação (NOVIKOFF, 2010 p.239).

A partir deste estudo, acreditamos ter condições de demonstrar estratégias que auxiliam docentes de Ensino Médio, na aplicabilidade do uso de imagens enquanto instrumentos que possam contribuir, juntamente com os discentes, na leitura visual dos objetos estudados, assim como no cotidiano que irão vivenciar enquanto cidadãos críticos acerca da saúde.

As primeiras publicações de charges no Brasil procuraram retratar como representações do momento em que estão acontecendo questões nacionais, utilizando como símbolo de identidade nacional o índio, passando através do mesmo a riqueza natural do país, a inocência e a cordialidade (TEIXEIRA, 2001 p.8).

Para tanto selecionamos algumas charges do final do século XIX e início do século XX que retratam questões ligadas aos problemas estruturais da cidade do Rio de Janeiro.

Iniciamos com Angelo Agostini, famoso chargista do final do Império que publicou diversos trabalhos na Revista Illustrada fundada por ele em 1876 e que circulou no Rio de Janeiro até 1898 e que estava ligado nas grandes questões relacionadas a crise da Monarquia e ascensão da República (TEIXEIRA, 2001 p11).

Podemos considerar Angelo Agostini como sendo um dos primeiros a fazer história em quadrinhos no Brasil, onde tecia uma crítica bem humorada e sarcástica sobre os diversos problemas do país. (MODENESI e SOUZA, 2011 p.4).

Para tanto, como exemplificação, utilizaremos olhar de Agostini nas três primeiras imagens (Figuras 1, 2 e 3) para se ter uma ideia de alguns aspectos vivenciados no Rio de Janeiro no final do século XIX.

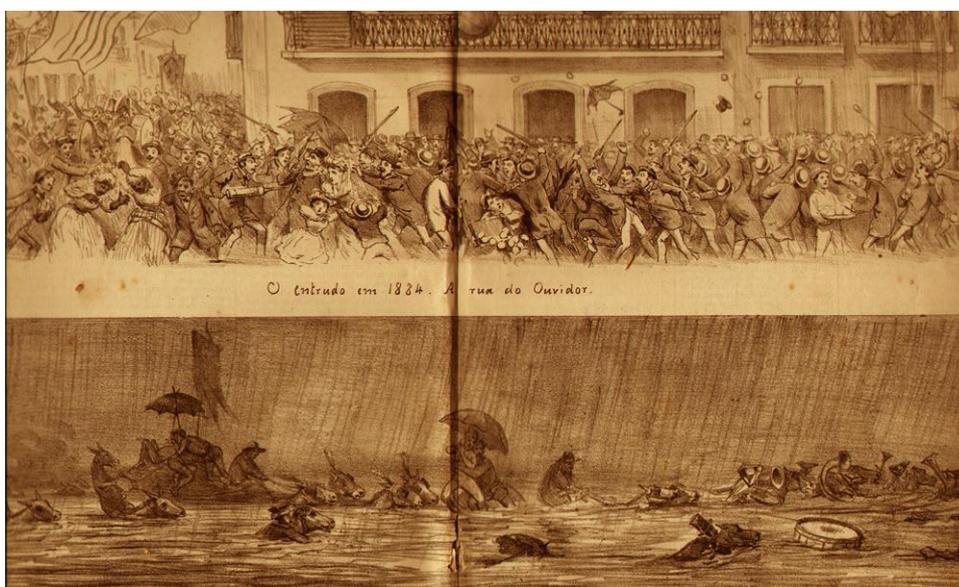


Figura – 1 - Revista Illustrada. Anno 9, nº 368. Rio de Janeiro, 1884. (p.4)

Disponível em <http://gibitecacom.blogspot.com.br/2010/04/agostini-rio-de-janeiro-e-chuva.html>

A presente imagem trata dos entrudos que ocorriam no século XIX. Tais festas antecederam o atual Carnaval. Em um primeiro olhar, no que Bohnsack denomina de análise pré-iconográfica (mensagem denotativa) (Quadro – 1) podemos perceber que o autor, ou produtor da imagem, faz uma espécie de contraponto entre a festa e a enchente. Nesta primeira análise o docente, independente dos motivos, pode indicar para os discentes que algum problema o produtor da imagem visualizava nos entrudos e a partir da mesma abrir uma discussão sobre as possibilidades.

Na figura 2 o produtor é mais específico sobre o que quer comunicar, pois se utiliza, do auxílio de um texto logo abaixo como pode ser observado.



Figura 2 - Revista Illustrada. Anno 9, nº 373. Rio de Janeiro, 1884. (p.4)

Disponível em <http://gibitecacom.blogspot.com.br/2010/04/agostini-rio-de-janeiro-e-chuva.html>

Nesta imagem fica claro que o produtor refere-se ao problema do lixo na cidade e como o mesmo estava sendo tratado pelas autoridades, no caso, retratado na Revista Illustrada nº 237 através da figura do responsável pela limpeza na corte, o francês Aleixo Gary.

Na figura 3 podemos observar que Angelo Agostini aborda a questão da epidemia de febre amarela que constantemente ocorria na cidade do Rio de Janeiro. Nesta imagem ele se utilizou de texto, logo abaixo a figura para deixar claro a quem ele está dirigindo o seu sarcasmo.

Para os que não tinham o domínio da linguagem escrita fica a impactação da imagem que se refere a morte e um político do império conversando em tom amistoso.

Tal interpretação era possível pelas representações vivenciadas pelos cidadãos da época que conseguiam, dentro de suas vivências sociais, identificar

como se trajava um home público do Império. No caso, da imagem, especificado pelo chapéu que o mesmo carrega. O restante da interpretação é reforçada pelas diversas representações vivenciadas, no caso, as doenças, o descaso, etc.



Figura 3 - Revista Illustrada em 04 de Março de 1876

Disponível em http://padumoca.blogspot.com.br/2010_09_01_archive.html

Nesta figura Angelo Agostini de forma sarcástica mostra um dialogo entre um ministro do império e a Febre Amarela, sendo representada pela imagem da morte:

FEBRE AMARELA – Exm^o Sr. Ministro do Império, estou-lhe muito agradecida; já faço uma colheita de 80 a 100 por dia graças a seu valioso auxílio.

MINISTRO DO IMPÉRIO – Exm^a S^a Febre, é para mim lisonjeiro este seu agradecimento, mas observo-lhe que não de esquecer-se dos meus aliados a Ilm^a Câmara Municipal e a Junta de Hygiene que muito me coaduno nessa árdua tarefa.

Utilizando-se do método de Bohnsack no que se refere a dimensão de interpretação iconográfica de forma conotativa, podemos perceber que era intenção

do produtor transmitir, a partir de sua representação, a sua insatisfação com as autoridades governamentais da época pela forma como lidavam com as epidemias na capital do império.

Como este trabalho está voltado para charges que se relacionem a questões relacionadas a contextos direta ou indiretamente a saúde, temos a maior produção acontecida durante a Revolta da Vacina (1904), ocorrida na cidade do Rio de Janeiro.

Para tanto apresentamos a figura 4, como estratégia de abertura da discussão sobre as políticas de saúde no Rio de Janeiro no início da República as seguintes charges:



Figura 4 – Charge de J. Carlos publicada em 1904 –
Disponível em www.fiocruz.br

Nesta charge observamos que o produtor da imagem apresenta dois personagens identificando os mesmos como sendo elementos ligados a saúde através da seringa e da cruz no braço do personagem menor. O dedo em riste indica

autoridade ou autoritarismo. Com isso o docente pode abrir uma discussão sobre a campanha da Vacinação obrigatória que se baseava no modelo Campanhista (MERHY, MALTA e SANTOS, p. 5).

Os sujeitos existentes dentro do recorte temporal analisado conseguiam identificar os personagens a partir das representações imagéticas comum ao seu período. No caso do personagem maior independente do grau cultural do indivíduo, o mesmo conseguia relacionar com Oswaldo Cruz, e pelo aspecto do bigode, uma denotação negativa.

Com isso o docente pode tem ferramentas para abrir uma discussão sobre mensagens imagéticas em campanhas de saúde analisando se as mesmas estão de acordo com as representações dos indivíduos a que as mesmas são direcionadas.



Figura 5 - Desenho de Leônidas, publicado na revista O Malho de 29 de outubro de 1904

Disponível em www.fiocruz.br

A charge ilustrada na figura 5 foi produzida por Leonidas poucos dias antes de acontecer a Revolta da Vacina (1904). O Produtor da imagem demonstra, a partir do conflito descrito imageticamente, informar a aqueles que viriam a atentar para a charge que o conflito entre autoridades oficiais e o povo era iminente.

A partir desta charge o docente pode levantar os conflitos despertados pelas políticas de saúde implementadas pelo estado Oligárquico no início do século XX e diante desta representação acreditamos que é possível abrir discussões sobre recursos imagéticos que previnam questões de interesse público e de acordo com as representações vivenciadas pelo público alvo.



Figura 6 – Charge do Semanário Tagarela de 16 de julho de 1903
Disponível em - www.fiocruz.br

Na figura 6 o produtor da imagem para sedimentar a mensagem que está querendo transmitir se faz valer de um título no canto superior direito da mesma o *Papa-mosquito* e logo a seguir retrata um dialogo entre Oswaldo Cruz e o presidente da República do período, Rodrigues Alves. Neste dialogo Oswaldo Cruz comunica a insatisfação do povo com relação a política de erradicação dos mosquitos transmissores da Febre Amarela.

É interessante que o autor da charge retrate Oswaldo Cruz como um mosquito a incomodar o sono do presidente, como se fosse o seu objetivo informar que a politica de erradicação da febre amarela era incomoda ao povo, pois nos dois últimos versos o autor diz:

*O povo é que não quer saber de histórias,
Acha que as suas luctas e victorias
Não passam de pilhéricas ratices,*

*E todas as phantasticas brigadas
Contra os mosquitos, - são consideradas
Como a maior de todas as tolices!*

Nós todos

Com esta imagem o docente apresenta um testemunho sobre como era observada pela população, através de suas representações, as políticas de erradicação de epidemias, no caso a febre amarela e a partir da mesma levantar questionamentos sobre o entendimento das práticas de saúde pela população a partir de campanhas que utilizem meios midiáticos.

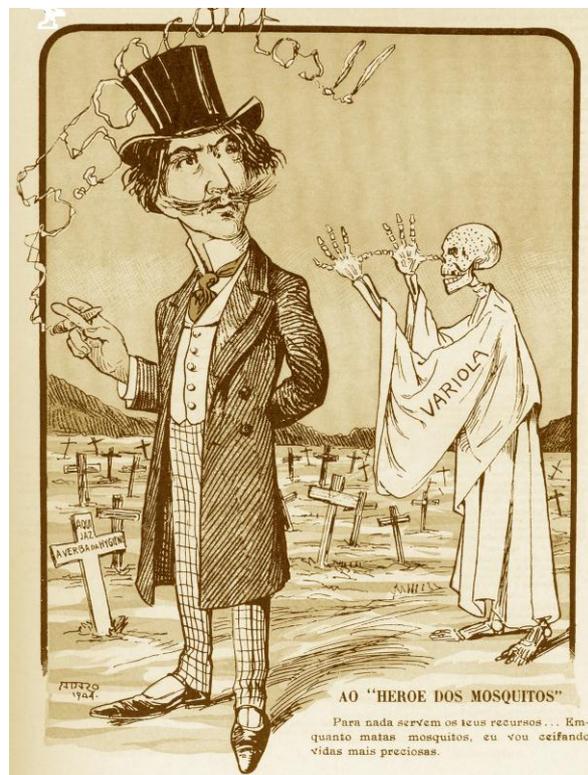


Figura 7 – Charge publicada na Revista da Semana – 1904

Disponível em www.fiocruz.br

Com a figura 7, o produtor comunica os problemas enfrentados pela população do Rio de Janeiro na época, ou seja, doenças como Varíola.

É interessante em observar que apesar de Oswaldo Cruz já ter sido reconhecidamente bem sucedido no combate a febre amarela, como a própria charge informa no canto inferior direito – *Ao Heroe dos Mosquitos* – ainda se

manifestam críticas ao sua pessoa, principalmente com relação as verbas que haviam sido destinadas aos gastos no combate da febre amarela.

E possível observar no canto inferior esquerdo a cruz onde se lê: *aqui jaz a verba da hygiene*. E no alto em forma de fumaça o valor gasto no combate a epidemia ou seja, 5.500 contos. Ao lado a Variola em tom jocoso como se desafiasse o responsável pela política sanitaria da época.

Com isso o docente pode levantar discussões sobre mensagens que ao transmitirem algum acontecimento o façam de forma a impactar o sujeito que observa a mesma e iniciar uma discussão a respeito dos efeitos das campanhas de saúde no Brasil.



Figura 8 – Oswaldo Cruz

Disponível em <http://republicadaniaguillen.blogspot.com.br/2010/05/charges-sobre-revolta-da-vacina.html>

Na figura 8 o produtor coloca particularismos que na interpretação pré-íconográfica, ou seja uma visão denotativa possibilita as seguintes percepções:

- No centro Oswaldo Cruz aparece de forma impertigada e solene o que pode ser interpretado como altivez ou soberba.
- No caso do homem carregando a Vaca com o símbolo da Cruz podemos interpretar como sendo o dito informal de *A Vaca vai para*

o *Brejo*, com isso dando uma conotação negativa a política higienista

- O produtor se preocupa em diferenciar socialmente os personagens ao apresentar o povo descalço. Aparência esta imortalizada por Monteiro Lobato no personagem Jeca Tatu (PALMA, 2003 s/p).

Nesta imagem o autor utiliza diversas representações para transmitir sua crítica a política higienista da época. Com isso o docente pode levantar questionamentos sobre a comunicabilidade entre autoridades e cidadãos no que se refere a linguagem imagética utilizada.

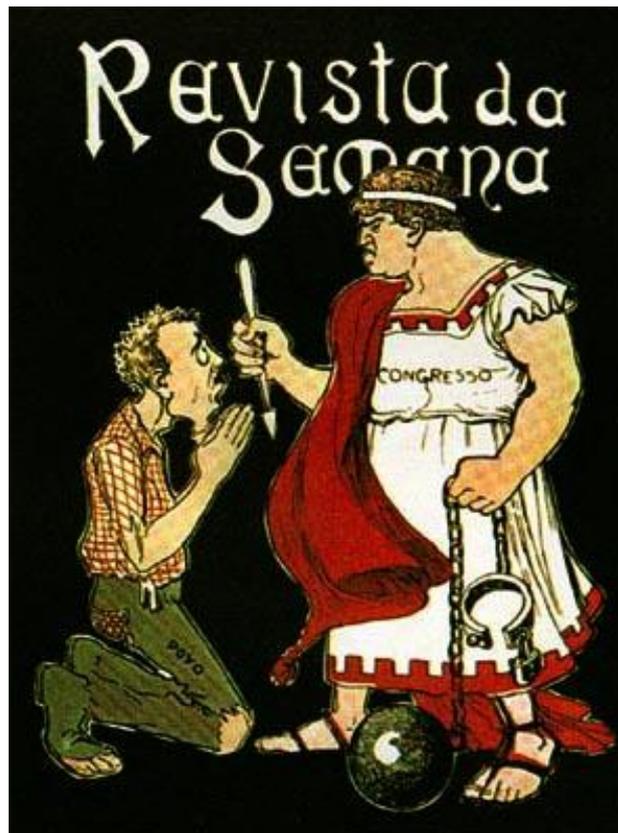


Figura 9 – Revista Semana 2 de outubro de 1904

Disponível em <http://historianovest.blogspot.com.br/2012/06/revolta-da-vacina-em-charges.html>

Na figura 9 o produtor, de forma direta faz uma crítica ao Congresso que aprovou a Lei apresentada por Oswaldo Cruz de nº 1261 que instituía a Vacinação Obrigatória.

A partir da respectiva imagem o docente pode iniciar uma discussão sobre como a população via suas instituições políticas da época, no que se refere as políticas de saúde e atualmente. Também é interessante fazer tal análise para corroborar a importância das imagens como instrumento de linguagem que atinge qualquer indivíduo independente da sua condição cultural (MODENESI e SOUZA, 2011 p.4).

3.1 Produto

O produto resultante deste trabalho é um livreto², segundo normas da CAPES (ANEXO1) intitulado de “IMAGENS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SAÚDE: Estratégias de ensino com charges”.

Sua organização se dá em seis capítulos a partir da introdução. A estrutura do livreto é a seguinte:

1. INTRODUÇÃO
2. IMAGENS E REPRESENTAÇÕES: Charges como signo
3. SE PREPARANDO PARA A LEITURA DE IMAGENS
4. AS IMAGENS, SEUS OLHARES, E SUAS HIPÓTESES
5. ANÁLISE DAS CHARGES
6. E PARA FINALIZAR
7. REFERÊNCIAS

As ilustrações foram tratadas para dar visibilidade e realçar o valor do tema.

² CAPES. Aprovação de livros In<<http://www.capes.gov.br/servicos/sala-de-imprensa/36-noticias/3081-ctc-es-aprova-roteiro-para-classificacao-de-livros>> Acesso em 20 de outubro de 2010.

De modo amplo, o livreto é uma forma de comunicação com os profissionais interessados na aprendizagem do ensino de temas críticos por meio de charges.

Enfim, com o filósofo da antologia do humor entregamos de mãos envoltas na arte e na ética e a favor do ensino crítico e criativo, esta pequena obra com as palavras de Nietzsche.

"A arte e nada mais que a arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande aliciadora da vida, o grande estimulante da vida".

(Friedrich Nietzsche)

4. CONCLUSÃO

Em todas as charges apresentadas podemos observar o olhar do produtor se apresentando como testemunha diante dos diversos acontecimentos que o cercam. Acreditamos dessa forma que o sujeito preceptor reproduzindo as representações construídas no seu respectivo momento temporal permita fazer uma leitura visual a partir da sua vivência (BOHNSACK, 2010, p. 118) . E a partir de seu olhar podemos concluir, tendo a Teoria das Representações Sociais como método, que o sujeito apresenta, a partir das charges, o resultado da interação com o meio em que existe auxiliando, a partir de suas particularidades, na construção das representações deste respectivo meio (SÊGA, 2000 p.128).

A partir destes breves exemplos apresentados construiremos o nosso produto que será um livreto contendo as experiências adquiridas, no que se refere aos diferentes tipos de imagens. Com isso, buscamos conscientizar sobre o papel delas, enquanto instrumentos de comunicação não apenas a nível didático, mas também como ferramentas para interpretar as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e culturais em que um indivíduo está inserido.

Acreditamos que para os docentes de diferentes áreas do conhecimento, além do de saúde, o respectivo material venha a servir como ferramenta para abrir discussões sobre a importância das imagens, como forma de linguagem, as quais podem ser exploradas em prol de um ensino crítico e criativo.

As diferentes formas de orientação na interpretação das charges, como apresentamos tem potencial para levar o discente a compreender não só a condição da área de saúde no Brasil, mas apontar o contexto econômico, social e cultural.

Enquanto sujeito participante da discussão, o professor pode relevar a importância da linguagem imagética, seja a partir de um cartaz de campanha da área de saúde, orientação sobre métodos médicos ou mesmo o próprio espaço de exercício das práticas de saúde,

Devemos lembrar que a linguagem imagética não se limita apenas ao traço gráfico, ela está inserida em uma enorme variedade de outras formas de linguagem que acarreta em percepções diversas (SANTAELLA, 2011).

E é com Santaella que encerramos o nosso trabalho afirmando

É tal a distração que a aparente dominância da língua provoca em nós que, na maior parte das vezes, não chegamos a tomar consciência de que o nosso estar no mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem, isto é, que nos comunicamos também por meio de leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores, e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos por meio de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Por meio de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. Somos uma espécie animal tão complexa quanto são complexas e plurais as linguagens que nos constituem como seres simbólicos, isto é seres de linguagem. (SANTAELLA, 2011)

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza Santos; TRINDADE, Zeidi, Araújo. **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: TechnoPolitik, 2011.

ARRUDA, Angela. **Teoria das Representações Sociais e Teorias do Gênero**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Cadernos de Pesquisa nº 117, p.127-147, novembro de 2002.

AZEVEDO, André Nunes. **A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana**. Dossiê Temático. Revista Rio de Janeiro, nº 10, maio-agosto de 2003.

BOHNSACK, R. **A interpretação de imagens segundo o método documentário**. In WELLER, Wiviam; PFAFF, Nicolle (orgs.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação – Teoria e Prática**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2010.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. **A formação das Almas**, o imaginário da República no Brasil. Cia. da Letras, 15ª reimpressão, 2005.

_____. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim, O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. Editora Brasiliense, 2005.

_____. **Cidade Febril; Cortiços e epidemias na corte imperial**, São Paulo, Companhia das Letras. 2006.

FAUSTO, Boris; **História do Brasil / Boris Fausto**. 11ª ed.; Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2003

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Representações, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência**, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,

Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas. Cadernos de Pesquisa. V. 34, n. 121, p.169-186. jan/abr 2004

FREITAS, Jairo Dias de; REIS, Silvia Barreiros dos. **Ensino de Ciências e Formação Profissional em Saúde de Nível Médio: Representações Sociais e Visões de Ciência.** Ciência e Educação, v. 17, n.3. Rio de Janeiro. 2011.

LITZ, Valesca Giordano. **O uso da Imagem no Ensino de História.** Secretaria De Estado Da Educação Superintendência Da Educação Departamento De Políticas E Programas Educacionais Coordenação Estadual Do PDE. Curitiba 2009.

MADEIRA, Margot Campos. **Representações Sociais: Pressupostos e Implicações.** Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, vol. 72 p.129-144 maio/ago. 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã (I – Feuerbach)** Tradução de BRUNI, José Carlos; NOGUEIRA, Marco Aurélio, Editora Hucitec, São Paulo, SP, 1984.

MERHY, Emerson Elias *et al.* **Desafios para os Gestores do SUS, Hoje: Compreender os Modelos de Assistência á Saúde no Âmbito da Reforma Sanitária Brasileira e a Potência Transformadora Da Gestão.** Disponível em < <http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/indexados-30.pdf> > Acessado em 14/06/2013.

MODENESI, Thiago Vasconcellos; SOUZA, Edilson Fernandes. **As Charges Educando no Segundo Reinado do Império Brasileiro,** *Anais Eletrônicos do IX Encontro Nacional dos Pesquisadores do Ensino de História* 18, 19 e 20 de abril de 2011 – Florianópolis/SC – Disponível <<http://abeh.org/trabalhos/GT01/tcompletothiag>> Acessado em 15/06/2013.

MOREIRA, Maria Cristina do Amaral *et al.* **A Saúde no Livro Didático de Ciências: Um Exercício de Análise.** Programa de Pós-graduação Educação em Ciências e Saúde, Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, VII Encontro Nacional de Pesquisa com Educação em Ciências. Florianópolis; 8 de novembro de 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

NOVIKOFF, C. **Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa**. In ROCHA, J.G.; NOVIKOFF, C. (orgs.). **Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, p. 211-242, 2010.

OLIM, Bárbara Barros de. **Imagens Em Livros Didáticos De História Das Séries Iniciais: uma análise comparativa e avaliadora**. Revista Outros Tempos, Volume 7, número 10, dezembro de 2010 - Dossiê História e Educação. 2010.

OLIVEIRA, Maria Amélia de Campos; EGRY, Emiko Yoshikawa. **A Historicidade das Teorias Interpretativas do Processo Saúde-Doença**. Revista da Escola de Enfermagem da USP v.34, n.1. São Paulo, 2000 p.9-15.

PALMA, Ana; **Monteiro Lobato e a gênese do Jeca Tatu**, Disponível em < <http://www.fiocruz.br/ccs/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=20&sid=5> > Acessado em 15/06/2013.

PORTO, A. e PONTE, C. F.: **Vacinas e campanhas: imagens de uma história a ser contada**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, vol. 10 (suplemento 2): 2003.

ROCHA, Érica Juliana Santos. **Multimodalidade, Sócio construção do conhecimento e a Sala de aula: uma associação possível?** 2008. 124 f. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUCRio. 2008.

SANTAELLA, Lúcia; **Semiótica Aplicada**. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. **O que é Semiótica**. São Paulo. Editora Brasiliense, 31ª reimpressão, 2011.

SARDELICH, Maria Emília. **Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa**. Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA, Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

SÊGA, Rafael Augustus. **O Conceito de Representação Social nas Obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Revista Anos 90. Porto Alegre, nº 13, julho de 2000.

SEVALHO, Gil. **Uma Abordagem Histórica das Representações Sociais de Saúde e Doença** Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, nº 9 (3) p. 349-363, jul/set, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina, Mentis Insanas em Corpos Rebeldes**. Editora Scipione, São Paulo, 1993.

SILVA, J. A. P. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Akropolis, Umuarama, v. 18, n. 4, out./dez. 2010 p. 319-321.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto: A história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930**. Coleção Papéis Avulsos n.38, Edições Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2001.

WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: Teoria e Prática**. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 2010.

TORRES, Rosane dos Santos. **Ecos na Capital: relações de poder e cotidiano político na cidade do Rio de Janeiro em fins do século XIX**. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

VAINFAS, Ronaldo *et al.* **História – Volume Único**, Editora Saraiva, São Paulo, SP, 2010.

ANEXO 1 - TABELA DE ANÁLISE DE TEXTOS ACADEMICOS-CIENTÍFICOS, segundo as Dimensões Novikoff.

TABELA DE ANÁLISE DE TEXTOS ACADEMICOS-CIENTÍFICOS, segundo as Dimensões Novikoff

Profa Dra Cristina Novikoff

PERÍODO DO ESTUDO: Início:-----/-----/----- Término: ----/----/-----

1.0 Tipo de texto ()

Dissertação Profissionalizante (DP)	Tese (T)	Artigo (Ar)
Dissertação Acadêmica (DA)	Resenha (Re)	Livro (Lv)

ABNT DO TEXTO: _____

1.1 Análise textual e temática

Resumo: Cole aqui o resumo e depois fragmente cada parte na tabela abaixo. Em seguida faça a sua análise interpretativa, discorrendo sobre as possíveis lacunas e/ou problemas que você entender como tal.

DIMENSÃO EPISTEMOLÓGICA	Título/AUTOR Descrever a obra de acordo com a ABNT: Autor.Obra.Cidade:editora,ano.	
	Tema do artigo	
	Palavras-chave/unitermos	
	Objeto: Descrever aquilo que o autor esta estudando/analizando	
	Objetivo: Descrever o objetivo de acordo com o autor.	
	Fundamentação e Justificativa: Descrever o que o autor aponta como sendo importante no artigo dele.	
	Problema: Descrever o que o autor questiona ou levanta como sendo necessário estudar.	
	Finalidade da pesquisa: Marque apenas um X nas alternativas.	Teórica () Aplicada () Teórico-aplicada ()
DIMENSÃO TEÓRICA	Teorias/conceitos/teóricos(ano): Descrever os conceitos mais importantes do artigo, destacando o autor citado e o ano.	
DIMENSÃO TÉCNICA	Método: Marque um X na alternativa adequada e <u>descreva</u> o método/técnica de coleta e análise de dados que o autor usou. Se a pesquisa for de campo, descreva a amostragem.	Abordagem Qualitativa () Abordagem Quantitativa () Abordagem Mista ()
DIMENSÃO ANALÍTICO- CONCLUSIVA	Conclusão	
	Algumas referências	

1.2 Análise Interpretativa:

ANEXO 2: ROTEIRO PARA CLASSIFICAÇÃO DE LIVROS (CTC-ES/ APROVAÇÃO)

Publicada por Assessoria de Imprensa da Capes

Quinta, 27 de Agosto de 2009 16:24

O Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES) durante a 111ª Reunião, realizada em 24 de agosto de 2009, aprovou o Roteiro para Classificação de Livros. O roteiro traz conceitos e definições comuns e sugestão de modelo de ficha de classificação e servirá como orientação para as 23 áreas que vão classificar livros na avaliação trienal de 2010.

Em várias áreas do conhecimento, os livros constituem a principal modalidade de veiculação de produção artística, tecnológica e científica. As outras áreas de conhecimento, nas quais a produção de conhecimentos quase não se expressa na forma de livros, mas preferencialmente na forma de artigos em periódicos, não utilizarão o Roteiro para Classificação de Livros.

O roteiro consolida discussões ocorridas nas áreas e no âmbito do CTC-ES desde o início do ano de 2008, cujos esforços eram de estabelecer critérios e procedimentos comuns para a qualificação de livros.

Como no caso de periódicos as orientações e critérios do roteiro foram estabelecidos visando exclusivamente à avaliação da produção intelectual dos programas de pós-graduação e, portanto, são inadequadas para avaliações individuais de professores, pesquisadores e alunos.